LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

PERFIL DO PSICOPATA CORPORATIVO: ANÁLISE DA REVISÃO DE LITERATURA

https://doi.org/10.56238/levv15n38-005

Data de submissão: 23/06/2024 **Data de publicação:** 23/07/2024

Paulo Roberto Peixôto Lima de Santana
http://lattes.cnpq.br/8144230637187129

Luana das Graças Queiróz de Farias
http://lattes.cnpq.br/7175179582176570

RESUMO

A pesquisa sobre psicopatas corporativos é motivada pela escassez de estudos na área de administração, especialmente no Brasil, e pelas experiências do autor no mercado de trabalho, onde presenciou comportamentos antiéticos. O objetivo é investigar as definições, o perfil e as características do psicopata corporativo na literatura especializada. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica de livros, sites e artigos científicos, com análise descritiva e qualitativa dos dados. Os resultados revelaram que o tema é controverso e estudado há anos na psiquiatria e psicologia, mas pouco explorado na administração. Há consenso de que psicopatas corporativos causam transtornos nas organizações e influenciam negativamente o clima organizacional. A pesquisa contribui para a compreensão desse perfil e suas implicações no ambiente de trabalho, preenchendo a lacuna de conhecimento na área de administração.

Palavras-chave: Psicopata, Psicopatia, Organização, Personalidade, Comportamento.

1 INTRODUÇÃO

A expressão psicopata vem do grego: psyche = mente; pathos = doença. São inúmeros os conceitos, definições e linhas de estudo que buscam definir a personalidade psicopática. Existem vertentes de ensinamento que observam a influência do meio na formação do indivíduo psicopata. Em compensação há outros entendimentos que observam o perfil psicopático como patológico e até como defeito congênito.

Segundo Clarke (2011), em um ambiente organizacional, seja qual for o posto ocupado, é possível encontrar todos os tipos imagináveis de personalidades e comportamentos. De acordo com o autor, existem pessoas que constrangem e ridicularizam intencionalmente os colegas de trabalho. Em outros casos, há empregados impulsivos, superficiais ou que não demonstram nenhuma empatia com quem está ao redor. Existem aqueles que abusam de sua sedução na tentativa de impressionar líderes e clientes. Outros exemplos consistem nos colegas que culpam os outros por um projeto que não teve o sucesso desejado, embora quando são os únicos responsáveis pela falha.

O fato é que os psicopatas corporativos existem e se encontram em diversos locais, desde pequenos escritórios a empresas multinacionais e transnacionais. São “profissionais” que utilizam inúmeras formas de manipulação para crescer em suas carreiras, deixando marcas negativas nos seus colegas de trabalho, inclusive nos próprios chefes. Homens e mulheres com tal perfil podem fazer do cotidiano um verdadeiro inferno. (CLARKE, 2011).

É justamente por este motivo que se torna essencial a habilitação para identificar quem são estes indivíduos que convivem discretamente nas organizações. Conhecer as características de um psicopata corporativo possibilita a chance de um colaborador não ser vítima da manipulação de um indivíduo sem consciência e que almeja o poder acima de tudo e, por conseguinte, não sofrer os danos nefastos pelo modus operandi deste ser perverso. (SINA, 2017).

A pesquisa adotou uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada através de consulta a livros, sites e artigos científicos

selecionados através de busca no banco de dados Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico a partir dos descritores: psicopata; psicopatia; psicopata corporativo; organização. Já os dados foram analisados por meio de abordagens descritiva e qualitativa, em torno das informações teóricas disponíveis sobre o tema psicopata corporativo.

Através da realização da revisão de literatura percebeu-se que o tema psicopata é controverso, estudado há vários anos, conta com extensa literatura no campo da psiquiatria e psicologia, porém parcos estudos na ciência da administração, esses direcionados para o tema psicopata corporativo. Encontraram-se diversos pensamentos complementares e, especialmente, divergentes.

É um consenso entre os estudiosos que as pessoas com características psicopáticas causam inúmeros transtornos dentro das organizações, particularmente para os colegas de trabalho que atuam diretamente com eles. Portanto, influenciam negativamente o clima organizacional.

O trabalho iniciou-se com esta introdução, contendo a justificativa do objeto de estudo, o problema de pesquisa, o objetivo geral e os específicos da investigação. Posteriormente, a revisão da literatura sobre a explicação do perfil do psicopata corporativo via conceituação e demonstração das suas principais características. Em sequencia, na terceira e quarta seções, respectivamente, descreveram-se a metodologia adotada e os resultados da pesquisa, ou seja, a análise e discussão dos dados obtidos. Por fim, foram apresentadas as considerações finais e recomendações a respeito da temática.

1.1 JUSTIFICATIVA

O tema psicopata corporativo foi escolhido pelo autor para a elaboração da monografia devido a dois motivos específicos. A motivação primária é de âmbito pessoal e a secundária é de cunho acadêmico.

A primeira razão referiu-se ao fato do objeto de pesquisa ser pouco explorado na academia, por conseguinte, se tornou atrativo para o desenvolvimento do trabalho, pois não é um assunto extremamente estudado e difundido nos bancos escolares do Brasil.

O segundo fundamento relacionou-se com as experiências práticas do autor no mercado de trabalho via estágios remunerados ao longo da graduação. Ele estagiou em oito organizações dos três setores, portes e segmentos distintos, como, por exemplo, o varejo, a indústria de base e de transformação, os setores bancário e educacional.

Desta forma, obteve relevante experiência na área de gestão de pessoas, pois atuou com inúmeros colaboradores e estilos de lideranças distintas. Diante de sua vivência profissional, o escritor presenciou várias situações desagradáveis como ausência de profissionalismo e atitudes antiéticas praticadas por alguns ex-colegas de trabalho.

Deste modo, ele aprofundou a leitura sobre alguns temas para entender os motivos de tais atitudes antiéticas e o mecanismo de funcionamento daqueles “colegas”, como, por exemplo: assédio moral, bullying corporativo, “puxada de tapete”, a relação competição e cooperação na organização, “mecanismos de proteção contra colegas de trabalho de má índole”. Assim, o pesquisador localizou a existência do termo “psicopata corporativo”, objeto de estudo da produção científica.

Na ciência da administração, as pesquisas que explanam o tema são escassas, singularmente no contexto brasileiro. Desta maneira, a temática é examinada de forma limitada no campo de estudos organizacionais (CAMPELO; SOUSA, 2016).

Segundo Campelo e Sousa (2016), tal assunto não é debatido pelos gestores das organizações, uma vez que as características do psicopata corporativo são consideradas como proveitosas, em alguns aspectos, para o progresso da companhia.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A presença do psicopata corporativo chama a atenção pelos prejuízos que trazem para as pessoas e as organizações. Estudos feitos por Babiak e Hare (2006) demonstram que 1% da população humana é considerada psicopata corporativo e 10% apresentam características que se assemelham a tal perfil. Estes, contudo são profissionais que procuram ascensão profissional, atuando com frieza, sem empatia e consideração pelos seus colegas de trabalho prejudicando não somente estes, inclusive, a organização, pois, para obterem vantagem, fraudam números e violam regras. Analisando-se o impacto danoso que as condutas dos psicopatas corporativos possuem sobre as relações socioprofissionais e, por conseguinte, na produtividade da companhia, torna-se extremamente necessário estudar sobre este tema. Tal assunto é abordado de forma ínfima pelos gestores das empresas.

No âmbito da administração são poucos os estudos que abordam a temática, sobretudo no contexto brasileiro. Os objetivos deste artigo são: investigar na literatura especializada definições sobre o perfil do psicopata corporativo; e delinear as características do psicopata corporativo. Desta forma, apresentou-se como questão de pesquisa: como a produção científica do tema ajuda a explicar as definições, o perfil e demonstrar as principais características do psicopata corporativo?

2 PSICOPATA CORPORATIVO

2.1 O PERFIL DO PSICOPATA CORPORATIVO

Segundo o site Origem da Palavra – Site de Etimologia, o vocábulo psicopata se formou no século XIX do alemão PSYCHOPATISCH, criado a partir do grego PSYKHÉ, “mente”, mais PATHOS, “sofrimento”. De acordo com o dicionário, psicopata significa “que ou quem sofre de psicopatia”, ou ainda “que ou quem sofre doença ou distúrbio mental grave”. A palavra psicopatia, conforme a definição do glossário tem sentido de “designação genérica das doenças mentais”, “desequilíbrio patológico no controle das emoções e dos impulsos, que corresponde frequentemente a um comportamento antissocial”, “distúrbio mental grave em que o paciente apresenta comportamento antissocial e amoral caracterizado pela ausência de qualquer emoção humana ou de afeto, sendo incapaz de demonstrar arrependimento e remorso, revela alto nível de egocentrismo, dificuldade em manter laços afetivos, etc.” ou “qualquer doença ou distúrbio mental; psicose”. Hare (2003) reitera que muitos pesquisadores estudaram sobre psicopatas, mas nenhum teve o impacto do psiquiatra americano Hervey Cleckley. Cleckley (1976) apud Hare (2003, p.29), em seu famoso livro

The Mask of Sanity, publicado pela primeira vez em 1941, chamou a atenção para o que ele considerava um problema social tenebroso, embora em grande parte ignorado pela sociedade. Ele escreveu com detalhes surpreendentes sobre seus pacientes e transmitiu ao público a primeira exposição detalhada da psicopatia.

Para Cleckley (1976) apud Hare (2003, p.29), o psicopata possui uma grande incapacidade de entender os fatos ou dados que definem os valores pessoais. As sensações humanas não têm significado para ele. Infelizmente, a sensibilidade para perceber os sentimentos que movem as pessoas é inexistente para o psicopata. Na opinião do autor, tudo isto não pode ser explicado ao psicopata porque ele não consegue entender. O psicopata pode repetir as palavras e dizer que compreende, mas nem ele consegue perceber que não entende verdadeiramente.

Ainda de acordo com Cleckley (1988) apud Henriques (2009, p.288-292), a psicopatia é uma forma de doença mental, porém, sem os característicos sintomas das psicoses, o que conferiria ao psicopata uma aparência de normalidade. O transtorno substancial da psicopatia seria a "demência semântica", ou seja, uma deficiência na compreensão dos sentimentos humanos em profundidade, todavia na esfera comportamental o indivíduo aparentasse entendê-los. O psicopata é especialista em esconder características negativas através da "máscara de sanidade", justificando a escolha do título da obra. Cleckley (1955) apud Hidalgo e Serafim (2016, p.19) ratifica que o psicopata não se beneficia com tratamentos, porém, as sensações positivas relacionadas aos psicopatas-primários podem induzir a uma interpretação limitada dos problemas e, por conseguinte, indicam uma falta de aceitação do tratamento. Logo, para o autor, a psicopatia não tem cura.

Na ótica de Cleckley (1988), uma falha acentuada do organismo humano, hipoteticamente congênita, no entanto não hereditário, exerce a função central no assombroso fracasso do psicopata de vivenciar a vida normalmente e conduzir uma carreira aceitável para a sociedade. O autor assegura que tal ideia é um conceito especulativo e não é suportado por evidências constatadas. Cleckley (1988) apud Henriques (2009, p.288-292) aproximou o conceito de psicopatia em torno da personalidade antissocial, colaborando, posteriormente, com as pesquisas de diversos cientistas. A caracterização da psicopatia como personalidade antissocial realizada por ele persiste até na atualidade, como atesta a Associação Americana de Psiquiatria (APA) por intermédio da quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DMS IV).

Cleckley (1988) apud Henriques (2009, p.288-292) estudou dezesseis características principais, ou seja, traços de personalidade, denominados de "critérios de Cleckley", conforme o Quadro 01:

Quadro 01 – Critérios de Cleckley

Dezesseis Características Principais do Psicopata
Aparência sedutora e boa inteligência;
Ausência de delírios e de outras alterações patológicas do pensamento;

Ausência de “nervosidade” ou manifestações psiconeuróticas;
Não confiabilidade;
Desprezo para com a verdade e insinceridade;
Falta de remorso ou culpa;
Conduta antissocial não motivada pelas contingências;
Julgamento pobre e falha em aprender através da experiência;
Egocentrismo patológico e incapacidade para amar;
Pobreza geral na maioria das reações afetivas;
Perda específica de *insight* (compreensão interna);
Não reatividade afetiva nas relações interpessoais em geral;
Comportamento extravagante e inconveniente, algumas vezes sob a ação de bebidas, outras não;
Suicídio raramente praticado;
Vida sexual impessoal, trivial e mal integrada;
Falha em seguir qualquer plano de vida.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Na concepção de Hare (2003), o livro The Mask of Sanity teve uma enorme influência em pesquisadores dos Estados Unidos e Canadá durante a segunda metade do século passado e se tornou o alicerce referencial de grande parte da pesquisa científica sobre psicopatologia que foi realizada no período. A maior parte deste estudo dedicou-se atentamente em descobrir o que estimulava o psicopata.

Conforme Abdalla Filho (2004) apud Silva e Krom (2009, p.1-2), com base na décima e atualizada versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID10 – classificação F60.2), elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), transtorno de personalidade é descaracterizado por doença ou lesão cerebral. Para ele é associado a uma ruptura pessoal e social, isto é, trata-se de uma perturbação grave da estrutura da índole e das tendências comportamentais do indivíduo, resultante de uma interação entre os atributos genéticos e o meio ambiente.

Silva e Krom (2009) dizem que, tal transtorno de personalidade possui como nomenclatura o termo psicopata ou personalidade psicopática, porém não pertence à terminologia diagnóstica do conceito médico-psiquiátrico. As descrições que mais se assemelham destes vocabulários são o transtorno da personalidade antissocial (TPA), conforme DMS IV e o transtorno de personalidade dissocial, de acordo com o CID10 (classificação F60.2).

Na ótica de Lykken (2006) apud Oliveira (2011, p.04), a psicopatia também não deve ser restringida a simples TPA. Normalmente os psicopatas também compartilham traços que discriminam este transtorno, contudo não significa que o portador do TPA é, consequentemente, psicopata. Edens et al. (2006) apud Oliveira (2011, p. 05) reforça o pensamento anterior, ao declarar que, independentemente do DSM listar algumas características similares e/ou equivalentes a dos psicopatas, a psicopatia não é sinônimo de TPA, não obstante é conceituada como um aglomerado de distintas

características da personalidade, sendo uma percepção que salienta mais os traços afetivos e interpessoais. Assim, Huss (2011) apud Oliveira (2011, p.05) assevera que 90% dos psicopatas sofrem do transtorno, mas apenas 15% a 30% daqueles que sofrem com o TPA são psicopatas.

O DMS V, edição atualizada do referido manual, atualmente em vigor, também não lista ou descreve a psicopatia, conforme suas publicações passadas. Por conseguinte, a psicopatia não é um diagnóstico oficial dado a uma pessoa, mesmo que seja classificado como um traço de personalidade e analisado por inúmeros testes liderados por psicólogos. O TPA é a definição mais aproximada para a conceituação da psicopatia. O DSM V descreve que os indivíduos com personalidades antissociais são frequentemente associadas a psicopatas. O Quadro 02 elenca as características apresentadas pela APA através do DMS V, identificando as particularidades do TPA (GOETTEN, 2017):

Quadro 02 – Características do TPA

APA - DMS V
Habilidade de manipulação;
Charme e gentileza;
Envolvimento em atividades criminais;
Imprudência;
Impulsividade;
Irresponsabilidade;
Tortura e matança de animais (transtorno de conduta durante a infância);
Ausência de empatia e remorso;
Baixo estímulo fisiológico

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Para Santos (2016), o psicopata é caracterizado como um sujeito manipulador, impulsivo, transgressor, mentiroso, irritável, agressivo, irresponsável e sem consciência. O portador da psicopatia é definido pelo autor da seguinte maneira:

> O psicopata seria basicamente um indivíduo manipulador, impulsivo, com dificuldades de seguir as normas e leis impostas pela sociedade, propenso a enganar o outro, irritável e agressivo (o que levaria a constantes embates com a lei), irresponsável e frio, enfim, sem remorsos diante das consequências de seus atos eventualmente maléficos (SANTOS, 2016, p.89).

Analisando-se a definição acima, percebe-se que a linha de raciocínio do escritor assemelha-se à definição e caracterização elaborada pela APA via DMS V. Inegavelmente, de acordo com a citação acima, notam-se que os traços da psicopatia se aproximam daqueles mencionados para o TPA. O Quadro 03 apresenta outras definições e características da psicopatia, conforme abaixo:

Quadro 03 – Definições e Características da Psicopatia/Psicopata

Pesquisadores	Definições/Características
Pinel (1801) *apud* Oliveira (2011, p.02-03).	Philippe Pinel, em 1801, foi o primeiro a notar que certos pacientes, envolvidos em atos impulsivos e autodestrutivos, tinham sua habilidade de raciocínio intacta e tinham consciência da irracionalidade do que estavam fazendo. A estes casos, ele denominou serem *"manie sans delire"*, ou insanidade sem delírio. Nesta época, como era entendido que "mente" era sinônima de "razão", qualquer inabilidade racional ou de intelecto era considerada insanidade, uma doença mental. Foi com Pinel que surgiu a possibilidade de existir um indivíduo insano (*manie*), mas sem qualquer confusão mental (*sans delire*).
Prichard (1835) *apud* Oliveira, (2011, p.03).	Em 1835, em "*A treatise on insanity and other disorders affecting the mind*" o britânico J. C. Prichard aceitou a teoria de Pinel acerca do "*manie sans delire*"; entretanto, dissentiu sobre a moralidade neutra deste transtorno (a qual Pinel acreditava), tornando-se um dos expoentes a crer que tais comportamentos significavam um repreensível defeito de caráter, que merecia condenação social. Além disso, ele abrangeu o escopo da "síndrome" original, criando o rótulo "insanidade moral", incluindo, então, uma vasta gama de outras condições mentais e emocionais. Todos estes pacientes compartilhavam um defeito no poder de se guiar de acordo com os "sentimentos naturais", isto é, um intrínseco e espontâneo senso de retidão, bondade e responsabilidade. Aqueles que tinham tal condição eram seduzidos, apesar de suas habilidades de entender suas escolhas, por um "sentimento superpoderoso", que os conduzia a praticar atos socialmente repugnantes, como, por exemplo, crimes.
Hare (1999) *apud* Ely *et al.* (2014, p.03).	Psicopatas são predadores sociais charmosos, manipuladores, que brutalmente abrem seu caminho através da vida, deixando atrás de si uma trilha de rastros de corações partidos, esperanças destruídas e carteiras vazias.
Morana, Stone e Filho (2006).	Esse tipo de transtorno específico de personalidade é marcado por uma insensibilidade aos sentimentos alheios. Quando o grau dessa insensibilidade se apresenta elevado, levando o indivíduo a uma acentuada indiferença afetiva, ele pode adotar um comportamento criminal recorrente e o quadro clínico de TP assume o feitio de psicopatia.

(FILHO, TEIXEIRA, e DIAS,2012; PATRICK, FOWLES e KRUEGER, 2009, *apud* VASCONCELLOS *et al.*, 2017, p.152).	A psicopatia pode ser entendida como um conjunto de traços de personalidade relacionados à ausência de remorso, baixa empatia, impulsividade, busca por estimulação, além de uma maior dominância social, cuja expressão pode se dar a partir da capacidade de manipular outros indivíduos.
Kiehl (2011) *apud* Taylor (2011, p.02).	Clinicamente a definição é alguém com uma pontuação alta em traços como falta de empatia, culpa e remorso; Eles são muito impulsivos: tendem a não planejar ou pensar antes de agir. Eles têm a tendência de se envolver em problemas desde muito jovens; Tendo a ver os psicopatas como pessoas que sofrem de uma desordem, portanto não usaria o termo "mau" para descrevê-los.
udmundsson e Southey (2011) *apud* Medeiros, Júnior e Possas, (2015, p.105).	A psicopatia é um transtorno da personalidade, envolvendo falta de empatia e de apego aos outros, carisma e charme superficial, manipulação e violação das normas sociais.
Trindade (2015)	O psicopata é o maior predador da espécie humana. É como se fosse um Átila, pois por onde ele passa vai deixando uma senda de destruição nas relações afetivas, sociais e laborais.
Bins e Taborda (2016)	A psicopatia é uma síndrome que pode ser definida em termos deuma combinação de certos traços de personalidade e conduta socialmente desviante.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

De acordo com Hare (2003), autor do livro Sin Conciencia – El inquietante mundo de los psicópatas que nos rodean, criador da Escala Hare Psycopathy Checklist Revised (PCL-R), baseada nos “critérios de Cleckley”, os psicopatas estão em todas as raças, culturas, sociedade e estilo de vida. O traço marcante destes indivíduos é a impressionante ausência de consciência. Os psicopatas são encantadores, manipuladores, mentirosos e buscam autogratificação à custa de outra pessoa. Muitos passam algum tempo na prisão, mas inúmeros outros convivem normalmente nos espaços sociais.

Para Hare (2003), a confusão e a incerteza em torno da definição da psicopatia começam com o próprio termo em si. Esta palavra significa literalmente "doença mental" (da psique, da "mente" e do pathos, "doença"), e este é o significado encontrado nos dicionários. A confusão é aumentada pelo mau uso do termo feito pelos meios de comunicação, já que o equiparam com loucos. Segundo o autor, a maioria dos pesquisadores e clínicos usa um significado bem definido do termo, diferente daqueles

presentes nos dicionários. Eles sabem que a psicopatia não deve ser entendida como o resto das doenças mentais. Os psicopatas não são desorientados nem vivem em outro mundo. Eles também não experimentam alucinações, delírios ou o desconforto intenso que caracteriza a maioria dos transtornos mentais. Ao contrário dos sujeitos psicóticos, os psicopatas são racionais e percebem o que fazem e o motivo das suas ações. Sua conduta é o resultado de uma escolha lógica.

Portanto, se uma pessoa com diagnóstico de esquizofrenia quebra algumas normas sociais, por exemplo, ele mata a primeira pessoa que vê em resposta a ordens recebidas de seres extraterrestres, este indivíduo não é responsável por suas ações, porque ele encontra-se desorientado, acometido por alucinações e delírios. Todavia, quando uma pessoa é diagnosticada com uma psicopatia e infringe estas mesmas regras, ela é considerada mentalmente saudável e vai à prisão. Mesmo assim, a sociedade geralmente

pensa que certos crimes brutais, especialmente tortura e assassinato, são cometidos apenas por dementes. Pode ser verdade de determinado ponto de vista, mas não de uma perspectiva psiquiátrica ou jurídica (HARE, 2003).

Hare (2003) exemplifica que alguns assassinos em série são loucos, no entanto, a maioria não é. Eles podem torturar, matar e mutilar suas vítimas, mas, na maior parte dos casos, não há evidências de que eles estejam chateadas, mentalmente confusas ou psicóticas. Muitos assassinos famosos, como, por exemplo, Ted Bundy, John Wayne Gacy e Henry Lee Lucas foram diagnosticados como psicopatas, ou seja, eles são mentalmente saudáveis de acordo com os cânones psiquiátricos e legais atuais.

No que tange a dúvida em relação à diferenciação entre as nomenclaturas psicopatia e sociopatia, muitos pesquisadores, clínicos e escritores utilizam os referidos termos incorretamente, igualando-os. Às vezes, o vocábulo sociopatia é usado porque é menos provável que seja confundido com psicopatologia ou loucura do que a nomenclatura psicopatia. Para alguns clínicos e pesquisadores, bem como a maioria dos sociólogos e criminologistas, a sociopatia é inteiramente constituída por fatores sociais ou experiências infantis, isto é, as ações e valores de um indivíduo são reflexos de um contexto socioambiental (HARE, 2003).

No caso do psicopata a situação é distinta, pois a formação do perfil do indivíduo portador da psicopatia é concebida por elementos biológicos, psicológicos e genéticos. Diante dessa confusão de definições, o mesmo indivíduo, portanto, pode ser diagnosticado como um sociopata por um especialista e como psicopata por outro (HARE, 2003).

Hare (2010) apud Menezes (2010, p.03) é muito difícil mudar o jeito que o psicopata sente ou age. A única alternativa viável de tratamento consiste na tentativa de mudança do comportamento dele até certo ponto (em um tipo de ação de redução de danos). Contudo, há alguns programas de tratamento estudados que apelam para o senso de egoísmo dos psicopatas, ou seja, ele pensará nas ações que são

benéficas para si. Numa situação hipotética, o psicopata mudará seu comportamento nocivo para não ser prejudicado, porém ele ainda almeja a conquista do seu objetivo proposto.

De acordo com Hare (2010) apud Menezes (2010, p.04), a criminalidade e psicopatia são questões distintas. Existem psicopatas que não cometem

nenhum crime nem violam nenhuma lei, mas que causam sérios problemas para outras pessoas. Eles podem subir na vida abusando psicologicamente e emocionalmente de outros indivíduos. Por outro lado, é mais fácil um psicopata entrar para o mundo do crime do que uma pessoa comum, porque ele não vê diferença entre o comportamento regular e o criminal.

Na opinião de Hare (2010) apud Menezes (2010, p.04), a psicopatia não é uma doença. O mesmo menciona que outros estudiosos acreditam que se trata de uma patologia, que algum problema no cérebro de um psicopata o torna menos responsável por seu comportamento. Porém, para ele, as evidências obtidas até agora não mostram corroboram com o pensamento destes cientistas.

Para Hare (2003), a equivalência de significado entre os termos psicopata e o TPA, descrito na terceira edição do DSM em 1980, e na respectiva revisão em 1987 é incorreta. O critério de diagnóstico de TPA consiste principalmente em uma longa lista de comportamentos antissociais ou criminais. A pluralidade de termos gerou muita confusão durante certo período, pois muitos médicos assumiram equivocadamente que TPA e psicopatia se equivaliam. Conforme consta no DSM III, DSM IIIR, e também no DSM IV, 1994, TPA refere-se principalmente a um grupo de comportamentos criminosos e antissociais. A maioria dos criminosos, por exemplo, cumpre os critérios para tal diagnóstico. Todavia, a psicopatia é definida por um conjunto de traços de personalidade e comportamentos sociais desviantes. A maior parte dos infratores, por exemplo, não são psicopatas, porém diversas pessoas que conseguem viver fora da lei, evitando serem descobertas, são.

A PCL-R, elaborada por Hare (2003), ferramenta complexa para uso profissional da área de saúde, influenciada pelos critérios de Cleckley, é um instrumento que possibilita a identificação e o detalhamento da personalidade dos psicopatas. Este método é universalmente aceito para identificá-los e divide o perfil do psicopata de acordo com as suas relações interpessoal/emocional e seu estilo de vida. Através dos comportamentos do indivíduo por meio da sua relação emocional/interpessoal, percebe-se a capacidade do psicopata de manifestar seus sentimentos às pessoas. Quanto ao seu estilo de vida, analisa-se a relação do psicopata com as normas sociais estabelecidas. Observa-se que diversas pessoas que não são psicopatas

podem ter alguns sintomas descritos na PCL-R. Muitas pessoas são impulsivas, frias, insensíveis ou antissociais, mas isso não significa que sejam psicopatas. A psicopatia é uma síndrome, ou seja, um conjunto de sintomas relacionados. O Quadro 04 sintetiza a caracterização do perfil do psicopata:

Quadro 04 – Psycopathy Checklist Revised (PCL-R)

Sintomas Graves de Psicopatia	
Emocionais/interpessoais:	**Desvio social/estilo de vida:**
Eloquência e encanto superficial;	Impulsividade;
Personalidade egocêntrica e presunçosa;	Autocontrole deficiente;
Ausência de remorso ou culpa;	Necessidade de excitação continuada;
Ausência de empatia;	Irresponsabilidade;
Pessoa manipuladora e mentirosa;	Problemas de conduta na infância;
Portador de emoções superficiais e banais	Conduta antissocial quando adulto

Fonte: Hare (2003, p.33) (tradução nossa).

Para Silva (2008), os psicopatas são espirituosos e articulados, tornando uma conversa divertida e agradável. São charmosos e atraentes no exercício de suas mentiras. Geralmente contam histórias extraordinárias, porém convincentes em inúmeros aspectos.

Os psicopatas podem enganar diversas pessoas através das suas histórias improváveis, especialmente quando o perfil dele não é conhecido e divulgado. Este fenômeno ocorre pela habilidade dos psicopatas em se informarem sobre os mais variados assuntos, mas se forem realmente testados por verdadeiros especialistas na área, revelam suas superficialidades de conteúdo (SILVA, 2008).

Os psicopatas procuram comprovar conhecimento em variadas ciências por meio da utilização dos termos técnicos, transmitindo confiabilidade aos menos avisados. Mais um sinal característico deste comportamento é a completa ausência de preocupação que os psicopatas apresentam ao serem desmoralizados como impostores. Eles não demonstram o menor constrangimento caso sejam flagrados em suas lorotas (SILVA, 2008).

Os psicopatas são indivíduos narcisistas. Eles se colocam no centro do universo, pois acreditam que são seres superiores, e que, por isso, devem ser autorizados a viver de acordo com suas próprias regras. O pedantismo de

alguns psicopatas aflora, às vezes dramaticamente, perante um juiz num tribunal. Por exemplo, não é incomum que eles critiquem seus próprios advogados e que se encarreguem de suas defesas, geralmente com resultados desastrosos. Os psicopatas se apresentam de uma maneira arrogante, dogmáticos e dominantes. Eles querem ter poder e controle sobre os outros e parecem incapazes de acreditar que outras pessoas possuam opiniões válidas (HARE, 2003).

Apesar de tudo, algumas pessoas acreditam que os psicopatas são indivíduos carismáticos ou fantásticos. Os psicopatas raramente se envergonham de seus problemas legais, financeiros ou pessoais. Em vez disso, eles os veem como fases temporárias, como resultado de má sorte, amigos traiçoeiros ou uma sociedade injusta ou incompetente, pois não assumem a responsabilidade dos seus atos. Embora os psicopatas geralmente afirmem ter objetivos específicos, demonstram não entender o que deve ser feito para alcançá-los, pois não sabem como realizar seus planos. Eles pensam que suas habilidades lhes permitirão atingir qualquer objetivo proposto. Se ocorrerem as circunstâncias

necessárias, como, por exemplo, oportunidade, sorte e vítimas adequadas, a sua soberba oferta bons resultados. Por exemplo, é um fato que o psicopata comercial geralmente pensa numa oportunidade imperdível, porém com o dinheiro dos outros (HARE, 2003).

Os psicopatas mostram uma incrível falta de interesse nos efeitos devastadores que suas ações causam aos outros. Eles admitem abertamente que não têm sentimento de culpa e não se arrependem de toda dor e destruição que promovem e afirmam que não há motivo para se preocupar. Para eles o sentimento de culpa é um mecanismo de controle social, ou seja, é um recurso para controlá-los. Por outro lado, os psicopatas às vezes verbalizam algum remorso, mas então contradizem suas ações ou até mesmo declarações posteriores. A ausência de remorso ou culpa dos psicopatas está associada a uma notória capacidade de racionalizar seu comportamento e, assim, livrar-se da responsabilidade de suas ações. Eles causam aflição a suas famílias, amigos, colegas e, é claro, às suas vítimas, mas em face dessas evidências, eles dão desculpas e, em alguns casos, negam que algo tenha acontecido (HARE, 2003).

Quando questionados, os mesmos falam sobre perda de memória, bloqueios, personalidade múltipla e insanidade temporária. Embora às vezes um psicopata admita ter realizado atos infratores, ele minimizará ou mesmo negará as consequências das suas ações nas vítimas. Eles afirmam que suas atitudes nefastas tiveram um efeito positivo sobre seus padecedores. Ironicamente, os psicopatas se veem como vítimas reais, pois pensam que ajudaram os padecentes com suas condutas nocivas e não merecem ser culpados por tais comportamentos (HARE, 2003).

De acordo com Hare (2003), muitas das características que os psicopatas mostram especialmente egocentrismo, falta de remorso, emoções superficiais e mentiras compulsivas estão associadas com uma profunda ausência de empatia. Eles são incapazes de se colocar no lugar dos outros, exceto em um sentido puramente intelectual. Os sentimentos das demais pessoas não são do seu interesse. De certa forma, os psicopatas são como androides de ficção científica, pois não têm emoções. Eles são incapazes de imaginar experiências humanas reais. Segundo o autor, os psicopatas enxergam as pessoas como meros objetos que podem lhes dar gratificações. Os fracos e os vulneráveis são seus alvos preferidos.

Para o psicólogo Rieber (1997) apud Hare (2003, p.40), no mundo do psicopata, não há ninguém que seja apenas fraco. Aquele que é debilitado é também um imbecil, em função disso, alguém que pede para ser explorado. Para sobreviver fisicamente e psicologicamente, conforme a linha de raciocínio de Hare (2003), alguns cidadãos normais desenvolvem um grau considerável de insensibilidade em relação a grupos específicos de pessoas. Por exemplo, os médicos que são muito empáticos com seus pacientes logo se sentem sobrecarregados e sua efetividade como profissionais diminui. Para eles, é conveniente gerar certa insensibilidade em relação a um grupo específico de indivíduos. Da mesma forma, soldados, gângsteres e terroristas são treinados, eficientemente, para ver

o inimigo como menos humano do que ele, como um objeto sem vida interior. Os psicopatas, no entanto, mostram uma ausência de empatia geral. Se eles mantêm suas ligações com suas esposas e filhos, é apenas porque os enxergam como suas propriedades, como seus dispositivos de música ou seus carros, inclusive se importam mais com os seus bens materiais do que os seus entes queridos.

O autor afirma também que, devido à incapacidade de apreciar os sentimentos dos outros, alguns psicopatas são capazes de comportamentos que as pessoas normais acham não apenas horríveis, mas também desconcertantes, como, por exemplo, torturar e mutilar suas vítimas. No entanto, exceto em filmes e romances, poucos psicopatas cometem tais crimes, embora sejam sempre ações devastadoras para os envolvidos: explorar parasiticamente os recursos financeiros e desqualificar os outros; conversar e levar tudo que eles querem de maneira agressiva; despreocupação com as necessidades básicas de suas famílias ou com seus bem-estares físico ou emocional; manter relações sexuais impessoais e triviais sem restrição entre outros exemplos.

Os psicopatas possuem talentos naturais para mentir, enganar e manipular as pessoas. Dotados de uma grande imaginação e focados em si mesmos, eles parecem incrivelmente alheio à possibilidade de serem descobertos. Quando são desmascarados ou questionados com a verdade apresentada por outras pessoas, eles não ficam envergonhados. Simplesmente mudam suas histórias ou reordenam os fatos de uma maneira que parece consistente com a mentira. O resultado é uma longa série de contradições e um ouvinte cada vez mais confuso. Os psicopatas se orgulham de sua capacidade de mentir (HARE, 2003).

Muitos observadores, entretanto, têm a impressão de que os psicopatas não percebem quando mentem. A indiferença dele em ser descoberto é extraordinária, pois faz com que a vítima em potencial considere sua própria capacidade psíquica. É por isso que é tão frequente que o psicopata inventa uma mentira. Com esta astúcia e facilidade de mentir, não é de surpreender que os psicopatas sejam tão bem sucedidos em trapacear, enganar e manipular os outros e não sentir o menor remorso pela sua postura. Além disso, eles são muito espertos quando se trata de descobrir quais são estes pontos fracos para usá-los em benefício próprio. Esta grande habilidade de enganar as pessoas concede aos psicopatas uma enorme facilidade para perpetrar fraudes, peculatos e roubo de identidade. Eles promovem fundos de ações falsos e vendem propriedades inexistentes. Simplesmente aplicam golpes de todos os tipos e tamanhos (HARE, 2003).

Na análise de Hare (2003), os psicopatas sofrem de uma espécie de pobreza emocional que limita o alcance e a profundidade de seus sentimentos. Eles são seres frios e sem emoção, mas existem momentos em que demonstram sentimentos, embora superficialmente. Segundo o autor, os estudiosos sobre o tema têm a impressão de que os psicopatas agem e não mostram o que sentem. Os psicopatas dizem que experimentam fortes emoções, mas não conseguem descrever as sutilezas de diferentes estados afetivos. Para os psicólogos Johns e Quay (1962, p.217-220) apud Hare (2003, p.45), o

psicopata “sabe as palavras, mas não a música da canção”. Conforme Hare (2003), muitos especialistas comentam que as emoções dos psicopatas são tão superficiais que podem ser consideradas proto-emoções, isto é, respostas primitivas às necessidades imediatas.

Ainda segundo Hare (2003), experimentos de laboratório usando gravações biomédicas mostram que os psicopatas carecem das respostas fisiológicas normais associadas ao medo, portanto não hesitam em correr riscos independentemente dos resultados das suas ações. Os psicopatas não experimentam as sensações corporais inerentes da fobia. Para eles, o temor e o resto das emoções são banais e superficiais.

Em conformidade com as ideias de Hare (2003), os psicopatas não gastam muito tempo analisando os prós e os contras das suas atitudes ou considerando as possíveis consequências. Em vez do temperamento, seus atos impulsivos são o resultado de uma motivação que desempenha um papel fundamental no seu comportamento: alcançar satisfação, prazer ou alívio imediato.

O autor afirma que os psicopatas ignoram as necessidades dos outros, vivem e mudam seus planos frequentemente. Eles não se importam com futuro, pois não se preocupam com o que acontecerá amanhã. Na verdade, não se importam com o passado também. O importante para tais seres é viver o momento, ou seja, são imediatistas.

Além de serem impulsivos, os psicopatas reagem rapidamente ao que percebem como insultos ou ameaças. A maioria dos indivíduos tem poderosos controles inibitórios sobre o seu comportamento, isto é, mesmo se quisesse reagir agressivamente, não poderia fazê-lo. Nos psicopatas, tal contenção proibitiva é fraca e a menor provocação é suficiente para irritá-los. Como

resultado, eles são estressados e respondem à frustração, fracasso, disciplina e críticas com violência súbita, ameaças e ataques verbais. Simplesmente se ofendem facilmente. Os psicopatas sentem raiva e são agressivos contra trivialidades e, frequentemente, em situações que parecem inadequadas para os outros. Mas seus ataques de fúria frequentes, que podem ser extremas, geralmente são de curta duração e, assim que o episódio termina, eles agem como se nada tivesse acontecido (HARE, 2003).

Embora os psicopatas tenham um início precoce e mostrem comportamentos agressivos velozmente, seu comportamento não está fora de controle porque eles têm ciência dos seus atos. Suas ações agressivas são frias. Eles não possuem a emoção que as pessoas normais sentem quando perdem a paciência. Não é de se surpreender que os psicopatas inflijam dano físico ou emocional grave para as vítimas, por vezes, rotineiramente, e, simultaneamente, rejeitem os estragos acarretados para as pessoas. Na maioria dos casos, eles enxergam seus sinais de agressão como respostas naturais à provocação (HARE, 2003).

Os psicopatas possuem uma necessidade de excitação constante, pois querem vivenciar situações mutáveis e diferentes rotineiramente. Em muitos casos, a ação é quebrar flagrantemente as

normas sociais para satisfazer os seus desejos. Alguns psicopatas tomam uma grande variedade de drogas como parte de sua busca por algo novo e excitante, e regularmente mudam de um lugar para outro, de postos de trabalho e empresas, em busca de uma nova e refrescante agitação. Muitos psicopatas declaram que cometem atos transgressores por puro entusiasmo ou exaltação. A parte negativa desta busca por excitação é a incapacidade de tolerar a monotonia ou a rotina (HARE, 2003).

Segundo Hare (2003), os psicopatas se entediam facilmente. É improvável que eles se encontrem em ocupações ou atividades chatas e repetitivas ou que exijam intensa concentração por longos períodos de tempo. Desta forma, na concepção de Hare (2003) é improvável que o psicopata seja bom espião, terrorista ou mafioso, pois sua impulsividade, seu senso de imediatismo e sua ausência de lealdade o torna imprevisível.

Obrigações e compromissos são insignificantes para os psicopatas. Suas boas intenções são lorotas. Histórias sobre apropriação indébita e empréstimos

não quitados, por exemplo, revelam como a questão das dívidas é conduzida. A irresponsabilidade e baixa credibilidade dos psicopatas se estendem a todas as esferas de suas vidas. Seu desempenho no trabalho é errático, com frequentes ausências, mau uso dos recursos da empresa, violações da política comercial e traição da confiança depositada neles. Eles são incapazes de manter compromissos com pessoas, organizações ou princípios éticos. Tal indiferença ao bem-estar de seus filhos e dos cônjuges é constante nos psicopatas. Eles não hesitam em usar os recursos da família e de seus amigos para sair das dificuldades, por exemplo. Simplesmente, tais seres não são impedidos pelo fato de que suas ações podem causar estragos em outras pessoas (HARE, 2003).

A maioria dos psicopatas mostra problemas comportamentais importantes desde cedo. Estes problemas podem variar de constante mentira para roubo, absenteísmo escolar, vandalismo, abuso de substâncias, fugas de casa, provocação de fogo, violência, mau comportamento de classe e sexualidade precoce. Como muitas crianças demonstram alguns destes comportamentos em um momento ou outro, especialmente crianças criadas em famílias disfuncionais, é importante enfatizar que a história de tais condutas do psicopata é muito mais séria e prolongada do que em outros, mesmo se comparando com as crianças que vêm da pior extração social e familiar. A criança psicopata geralmente é oriunda de uma família equilibrada, mas de repente começa a roubar, utilizar drogas, brincar e ter experiências sexuais com a idade entre 10 a 12 anos. Atitudes cruéis precocemente contra os animais geralmente é um sinal claro de problemas emocionais e comportamentais (HARE, 2003).

Por sua vez, os psicopatas adultos descrevem sua crueldade infantil em relação aos animais como fatos comuns e até divertidos. Crueldade com outras crianças também faz parte da incapacidade de experimentar a empatia necessária para apaziguar os instintos que os seres humanos possuem para infligir dor aos outros, mesmo quando estão com raiva (HARE, 2003).

Embora nem todos os psicopatas adultos apresentem tais sinais de crueldade em sua juventude, praticamente todos entram em uma grande variedade de particularidades: mentiras, roubo, vandalismo, promiscuidade, entre outros exemplos. É interessante, no entanto, observar como a mídia

informa para o público sobre a surpresa de vizinhos e testemunhas desses atos. Tal espanto reflete não apenas a capacidade do psicopata de manipular a impressão passada aos outros, mas a pouca atenção que é concedida ao início da história destas pessoas (HARE, 2003).

Os psicopatas consideram que as regras e expectativas da sociedade são inconveniências, impedimentos irracionais para a plena expressão de suas ambições e desejos. Eles estabelecem suas próprias regras, como crianças bem como adultos. Crianças impulsivas e mentirosas que não têm empatia agirão da mesma forma quando adultos. A continuidade do comportamento antissocial e egoísta dos psicopatas é impressionante. Em grande parte, este seguimento é o que motiva muitos pesquisadores a afirmar que o aparecimento precoce de comportamento antissocial é um bom indicativo de crime e outros problemas de comportamento em adultos. Diversos atos antissociais executados pelos psicopatas os levam diretamente à cadeia. Eles se destacam mesmo nos ambientes penitenciários porque suas atividades antissociais ou ilegais são mais variadas e frequentes que as de outros criminosos. Os psicopatas não têm uma especialidade delituosa, mas tentam de tudo um pouco, sentindo-se orgulhosos por isto. Nem todos os psicopatas são presos. Muitos de suas ações estão fora do escopo da lei ou estão no contexto onde o legal e o ilegal se mesclam (HARE, 2003).

Para muitos, seu comportamento antissocial consiste em realizar negócios questionáveis, práticas profissionais antiéticas, abusar de suas esposas ou filhos ou fazem uso irresponsável dos fundos da empresa, para citar alguns exemplos. O problema com comportamentos deste tipo é que eles são difíceis de documentar e avaliar sem a ajuda de familiares, amigos, conhecidos ou parceiros (HARE, 2003).

Considerando-se as opiniões de Cleckley e Hare, pesquisadores expoentes a respeito da psicopatia, percebem-se divergências de ideias entre ambos. Para Cleckley (1988) e Cleckley (1988) apud Henriques (2009, p.288- 292), a psicopatia é uma doença mental originalmente inata, mas não hereditária, enquanto para Hare (2003), trata-se de um desvio de conduta social, descaracterizado como uma doença, proveniente da combinação de elementos biológicos, psicológicos e genéticos, existindo a forte interação com o espaço socioambiental. Outro ponto de desacordo entre os autores é a

relação existente entre o conceito de psicopatia e o TPA. Cleckley (1988) apud Henriques (2009, p.288-292) aproximou a definição de psicopatia em torno da personalidade antissocial, influenciando as definições da OMS e da APA. Porém, Hare (2003), afirma que tal aproximação é desacertada, pois TPA refere-se principalmente a um grupo de comportamentos criminosos e antissociais. Para ele, o psicopata pode apresentar algumas condutas antissociais quando adulto em conformidade com a PCL-R, porém não significa que também seja portador do TPA.

Silva (2008), autora do livro Mentes Perigosas – O psicopata mora ao lado, define e caracteriza o psicopata. A escritora opta em unificar as variadas nomenclaturas empregadas para conceituar a psicopatia, utilizando o termo psicopata, conforme abaixo:

> Os psicopatas em geral são indivíduos frios, calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício. Eles são incapazes de estabelecer vínculos afetivos ou de se colocar no lugar do outro. São desprovidos de culpa ou remorso e, muitas vezes, revelam-se agressivos e violentos. Em maior ou menor nível de gravidade e com formas diferentes de manifestarem os seus atos transgressores, os psicopatas são verdadeiros "predadores sociais", em cujas veias e artérias corre um sangue gélido (SILVA, 2008, p.32).

> Além de psicopatas, eles também recebem as denominações de sociopatas, personalidades antissociais, personalidades psicopáticas, personalidades dissociais, personalidades amorais, entre outras. Embora alguns estudiosos prefiram diferenciá-los, no meu entendimento esses termos se equivalem e descrevem o mesmo perfil. No entanto, por uma questão de foro íntimo e visando facilitar a compreensão, o termo psicopata será o utilizado neste livro (SILVA, 2008, p.12).

> Em face de tantas divergências e com o intuito de facilitar o entendimento, resolvi unificar as diversas nomenclaturas e empregar apenas a palavra psicopata. Seja lá como for uma coisa é certa: todas essas terminologias definem um perfil transgressor. O que pode suscitar uma pequena diferenciação entre elas é a intensidade com a qual os sintomas se manifestam (SILVA, 2008, p.32).

Silva (2008) avança na explicação, afirmando que a psicopatia é procedente da relação entre uma disfunção neurobiológica e o conjunto de influências educativas que o psicopata recebe ao longo de sua vida. Para a autora, o ambiente é importante na formação do perfil psicopata:

> As diversas manifestações das condutas psicopáticas nos levam necessariamente a uma avaliação da importância que o meio ambiente pode ter na apresentação deste transtorno. O ambiente social no qual a violência e a insensibilidade emocional são “ensinadas” no dia-a-dia pode levar uma pessoa propensa à psicopatia a ser um perigoso delinquente. Por outro lado, um ambiente social afetuoso e compensador pode levar essa mesma propensão a se manifestar na forma de um desvio social leve ou moderado (SILVA, 2008, p.160).

> A engrenagem psicopática funcionaria desta maneira: a predisposição genética ou a vulnerabilidade biológica se concretizaria em uma criança que apresenta o déficit emocional. Uma criança assim possui um sistema mental deficiente na percepção das emoções e dos sentimentos, na regulação da impulsividade e na experimentação do medo e da ansiedade. Nos casos em que os pais (família) realizam de forma muito competente suas tarefas educacionais, essas características biológicas podem ser compensadas ou canalizadas para atividades socialmente aceitas. No entanto, quando o ambiente não é capaz de fazer frente a tal bagagem genética - seja por falhas educacionais por parte dos pais, por uma socialização deficiente ou ainda por essa bagagem genética ser muito marcada -, o resultado será um indivíduo psicopata (SILVA, 2008, p.160).

Silva (2008) prossegue a explanação, endossando que a psicopatia não é considerada uma doença mental, pois os psicopatas não são considerados loucos e nem possuem qualquer tipo de desordem. Também não são acometidos de delírios ou alucinações. Além disso, não apresentam intenso sofrimento mental:

> É importante ressaltar que o termo psicopata pode dar a falsa impressão de que se trata de indivíduos loucos ou doentes mentais. A palavra psicopata literalmente significa doença da mente (do grego, psyche = mente; e pathos = doença). No entanto, em termos médico-psiquiátricos, a psicopatia não se encaixa na visão tradicional das doenças mentais. Esses indivíduos não são considerados loucos, nem apresentam qualquer tipo de desorientação. Também não sofrem de delírios ou alucinações (como a esquizofrenia) e tampouco apresentam intenso sofrimento mental (como a depressão ou o pânico, por exemplo) (SILVA, 2008, p.32).
>
> Ao contrário disso, seus atos criminosos não provêm de mentes adoecidas, mas sim de um raciocínio frio e calculista combinado com uma total incapacidade de tratar as outras pessoas como seres humanos pensantes e com sentimentos (SILVA, 2008, p.32).

Refletindo-se sobre todas as citações diretas acima, a partir do momento que Silva (2008) afirma que os termos psicopatia e TPA são equivalentes, a autora mostra-se adepta da conceituação realizada por Cleckley (1988) apud

Henriques (2009, p.288-292) e, consequentemente, da APA via DMS V e da OMS através da CID10. Por outro lado, constata-se que a escritora discorda de Hare (2003). No que diz respeito à origem da psicopatia, há uma concordância entre as ideias de Silva (2008) e Hare (2003). Para ambos os autores, a formação do perfil do psicopata é uma combinação de elementos biológicos, psicológicos e genéticos, existindo a forte interação com o espaço socioambiental. Em contrapartida, a autora difere de Cleckley (1988), uma vez que este autor diz que a psicopatia é originalmente inata, mas não hereditária. Em relação ao enquadramento da psicopatia como uma doença, Silva (2008) dissente de Cleckley (1988) apud Henriques (2009, p.288-292), pois não considera o psicopata portador de uma patologia. Desta forma, a autora ratifica a linha de pensamento de Hare (2003), tendo em vista que ambos não consideram o fenômeno da psicopatia como uma doença. A psicopatia se refere a um desvio social e um comportamento social desviante, respectivamente, para Silva (2011) e Hare (2003).

De acordo com Clarke (2011), autor do livro Trabalhando com Monstros

– Como identificar psicopatas no seu trabalho e como se proteger deles, existe um conflito sobre a origem da personalidade psicopata. Para o autor, o psicopata é oriundo de uma mistura de fatores genéticos, biológicos e a interação com o meio ambiente, de acordo com o trecho abaixo:

> Existe alguma controvérsia sobre a questão de um psicopata corporativo ser gerado pela natureza (nascido), ou transformado (criado pelo ambiente), ou ser uma combinação dos dois. A ideia de que é uma combinação de genes, biologia e ambiente que produz a síndrome da psicopatia tem um grande alcance (CLARKE, 2011, p.06).

Clarke (2011) progride a aclaração, garantindo que os psicopatas não são loucos. Para o ele, o psicopata é fundamentalmente ruim e apresenta um distúrbio de personalidade:

> Psicopatas corporativos - e psicopatas em geral – não são loucos. O psicopata corporativo é essencialmente mau. Ele está ciente dos efeitos que seus comportamentos têm nas pessoas ao seu redor, mas simplesmente não se importa. Pior: muitos psicopatas corporativos gostam do sofrimento das pessoas ao seu redor (CLARKE, 2011, p.06).

> Psicopatia é uma condição para a vida toda. É um distúrbio de personalidade; dessa forma, características são apresentadas constantemente por todos os aspectos da vida do psicopata. No entanto, psicopatas são especialistas em esconder características negativas por trás do que o dr. Harvey Cleckley chama de "máscara de sanidade" (CLARKE, 2011, p.06).

Observando-se todas as citações diretas acima de Clarke (2011), no que se referem à origem do perfil psicopata e a delimitação da psicopatia como uma doença, o escritor confirma as opiniões de Hare (2003) e Silva (2008). Os três autores são unanimes em afirmar que o perfil do indivíduo psicopata é formado através da mescla de aspectos genéticos, biológicos e as experiências no contexto ambiental, discordando da ótica de Cleckley (1988). Ambos os autores, exceto Cleckley (1988) apud Henriques (2009, p.288-292), asseveram que a psicopatia não é uma patologia, mas Clarke (2011) utiliza a terminologia "distúrbio de personalidade" para definir a psicopatia. Elucidando o conceito de louco, tendo em vista que Clarke (2011) diz que os psicopatas não são loucos, segundo Soalheiro (2016), a loucura abordada pela psiquiatria é chamada de psicose, uma deturpação do pensamento e do senso de realidade, que pode prejudicar completamente a vida do paciente. Deslindando a definição de psicose, Mauer (2016), alega que na conceituação psiquiátrica mais próxima da ideia de loucura como comportamento divergente do normal, as psicoses, não são mais do que acentuações de estados mentais próximos do normal.

Desta forma, para Clarke (2011), o psicopata não é doente mental. Uma constatação pertinente na obra produzida por Clarke (2011) é o fato de ele mencionar apenas os termos psicopata e psicopata corporativo. O autor não aborda a questão da diversidade de terminologias para definir o indivíduo psicopata, ou seja, ele não cita os termos sociopata, TPA e transtorno de personalidade dissocial, por exemplo, para definir e caracterizá-lo.

Sina (2017), autora do livro Psicopata Corporativo – Identifique-o e lide com ele, considera a psicopatia como uma patologia, isto é, uma doença. A escritora caracteriza o perfil do indivíduo psicopata, enfatizando que o mesmo possui uma mente doentia, porém tem ciência dos seus atos praticados. Para ela, o psicopata é frio e calculista e contempla o sofrimento alheio:

> Em adição, a psicopatia é uma das doenças mais difíceis de ser diagnosticada. Mesmo assim, médicos, psiquiatras e psicólogos tem buscado desenvolver uma bateria de testes para a confirmação que dá o diagnóstico da doença (SINA, 2017, p.04).
>
> São desprovidos de remorso, portanto não sentem culpa por nenhum mal que causam às pessoas. Na verdade, não pensam sobre isso, não se colocam no lugar dos outros. Engana-se quem pensa que age assim apenas porque tem uma mente doentia: o psicopata age dessa maneira porque é frio e calculista. E sabe que é assim seu jeito de ser (SINA, 2017, p.11).
>
> O psicopata gosta de sentir e ter a impressão de que controla as pessoas e os fatos à sua volta. Às vezes, porque é doente, apesar de ciente do que faz, ele ataca sem motivo aparente, apenas pelo prazer de ver sofrer alguém mais feliz que ele (SINA, 2017, p.13).

Ponderando-se as três citações acima de Sina (2017), no que concerne a compreensão da psicopatia como uma doença, a autora consente com o ponto de vista de Cleckley (1988) apud

Henriques (2009, p.288-292), pois ambos os autores declaram que a psicopatia é uma patologia. Assim, a pesquisadora se opõe as ideias de Hare (2003), Silva (2008) e Clarke (2011), pois tais escritores acreditam que a psicopatia não é uma doença.

Sina (2017) enquadra a psicopatia como um distúrbio ou transtorno de personalidade, ou seja, para a autora, distúrbio (transtorno) de personalidade é uma patologia. A pesquisadora apresenta um breve histórico sobre o estudo da psicopatia, afirmando que se trata de uma doença reconhecida, pesquisada de maneira formal e catalogada pela OMS via CID10:

> De uma maneira geral, durante o século XIX, afirma o doutor Claudinei Biazoli, a psicopatia era sinônimo de transtorno mental. Já no século XX, passou a significar transtornos mais sérios de personalidade, mais persistentes e de longa duração. Tais transtornos passaram a ser caracterizados por padrões inflexíveis de comportamento, pensamento e sentimentos que provocam dor e sofrimento para a própria pessoa e para os outros (SINA, 2017, p.19).
>
> Esse tipo de transtorno é identificado e descrito na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), que é publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ou seja, é uma doença reconhecida e pesquisada de maneira formal e catalogada no mundo todo. De acordo com a renomada psiquiatra Andrea Kraft, os transtornos de personalidade não são apenas doenças, mas anormalidades da psique que resultam num desequilíbrio do afeto e da emoção. Na psicopatia existe claramente falta de emoção positiva e de empatia em relação ao outro, o que pode ajudar na sua identificação. Quando há um exagero na insensibilidade, o indivíduo é chamado de psicopata ou sociopata (SINA, 2017, p.19-20).
> O psicopata tem um grave distúrbio de personalidade, sem remorso. Não é uma fase que vai e volta, é algo da própria pessoa, sem ter cura, sem fim. Portanto, se prevenir aprendendo a lidar com eles é a única solução (SINA, 2017, p.48).

Esmiuçando-se as três citações acima de Sina (2017), no que toca a definição da psicopatia como um transtorno (distúrbio) de personalidade, a escritora consente com a conceituação de Clarke (2011). Porém, o ponto divergente e intrigante é que Sina (2017) considera o termo distúrbio de personalidade como uma patologia. Já Clarke (2011), conforme abordado anteriormente, não considera tal termo como uma doença.

Na segunda citação, Sina (2017) afirma que a psicopatia é identificado e descrito na CID10, caracterizando-se como uma patologia. Porém, recorda-se que a OMS via CID10 e a APA através do DMS V não possuem definição técnica para a psicopatia, ou seja, este termo não é catalogado nos principais manuais da área médica no mundo. As definições que mais se aproximam da psicopatia são o TPA e o transtorno de personalidade dissocial, contidos no DMS V e na CID10, respectivamente.

Sina (2017) discorre sobre os termos psicopata e sociopata. Ela ratifica que existe uma confusão no que tange a variedade de nomenclaturas para definir o perfil psicopata, corroborando com o ponto de vista de Silva (2008). A pesquisadora também aborda a questão da origem do indivíduo psicopata. Para ela, a psicopatia tem origem inata, sofrendo pouca interferência do ambiente:

> Cabe ressaltar que existe uma certa confusão quanto à diferença entre psicopata e sociopata . Muito se pode analisar nesse sentido, porém se trata da mesma doença, já que existe uma linha

> tênue que separa um de outro. Não é o caso aqui de se aprofundar para explicar a diferença entre eles (SINA, 2017, p.05).
>
> Ainda assim, para deixar mais claro, o psicopata tem origem inata (condição genética), sofrendo pouca influência do ambiente. Já o sociopata seria o contrário. Ambos têm distúrbios social de personalidade, o que varia é o grau de consciência (SINA, 2017, p.05).
>
> O psicopata não apresenta sentimento de empatia ou misericórdia, portanto nunca ofenda um psicopata e também nunca confie em nenhum deles. Não arrisque sua análise para detectar se estamos diante de um psicopata ou sociopata, a diferença é pequena, e o risco para distinguir não vale a pena (SINA, 2017, p.05-06).

Averiguando-se as três citações diretas acima, percebe-se a ausência de clareza nas ideias da autora. Segundo a primeira citação, Sina (2017) relata que existe certa confusão quanto à diferença entre psicopata e sociopata. Desta forma, através da primeira afirmação, ela confirma que há uma distinção entre o perfil psicopata e o sociopata. Não é uma suposição. É um fato. A autora atesta que há certa confusão quanto à divergência entre os distúrbios. Posteriormente, a escritora declara que se trata da mesma doença, contradizendo-se.

Finalizando, Sina (2017) reitera a presença de uma linha suave que separa a psicopatia da sociopatia, ou seja, não é a mesma patologia, já que existe uma leve linha que afasta a psicopatia da sociopatia. Talvez, a autora deseja dizer que a psicopatia e a sociopatia pertencem à mesma categoria patológica, porém são doenças distintas. Ou seja, a psicopatia e a sociopatia são subcategorias que estão na mesma categoria, no caso, a de distúrbio social de personalidade, mas tal hipótese não pode ser legitimada, tendo em vista que Sina (2017) não certifica tal teoria. De acordo com a segunda citação, Sina (2017) apoia parcialmente os pontos de vista de Hare (2003), Silva (2008) e Clarke (2011), afirmando que a psicopatia tem origem inata, sofrendo pouca influência do ambiente. Para os outros três pesquisadores, a ação exercida pelo meio social é mais significativa do que a exposta por Sina (2017), destoando da ideia da autora. Desta forma, Sina (2017) aproxima-se quase que totalmente do pensamento de Cleckley (1988), já que tal escritor afirma que a psicopatia é inata, porém não hereditária. A autora diferencia os elementos formadores da psicopatia e da sociopatia, subentendendo que são transtornos distintos. Tal análise foi efetuada pela escritora conforme a primeira citação, gerando ambiguidade na interpretação das ideias.

Sina (2017) continua a ilustração, correlacionando a psicopatia com o TPA. Para a autora, a tendência a ser antissocial é o traço mais acentuado no psicopata:

> A tendência a ser antissocial é um dos mais comuns sinais para determinar se uma pessoa é psicopata. São impulsivos por natureza e tendem a pensar mais em si mesmos do que em qualquer outra coisa. Ser antissocial significa não ver na sociedade nada além dos seus próprios interesses, que serão melhor preenchidos se puderem
> usar as pessoas para obter seus desejos. Aliás, desejos esses que nem sempre passam pela razão (SINA, 2017, p.31).
>
> No transtorno de personalidade antissocial existe um padrão constante de violação dos direitos dos outros e de desrespeito às regras. No caso do psicopata, nem sempre ele fará isso "à luz do dia", ou seja, muitas vezes será feito de forma dissimulada. Vamos detalhar um pouco mais o

> transtorno de personalidade antissocial, pois é a que me parece ser mais marcante no psicopata (SINA, 2017, p.53-54).

Esquadrinhando-se as duas citações diretas acima, conclui-se que Sina (2017) alinha-se a ótica de Cleckley (1988) apud Henriques (2009, p.288-292) e, consequentemente, da APA via DMS V. A autora também corrobora com o discurso de Silva (2008), pois esta pesquisadora unifica todas as terminologias, consoante abordado anteriormente. Em contrapartida, ela se distancia do ponto de vista de Hare (2003), que distingue os dois termos, outrora explicado.

Na concepção de Sina (2017), a fuga da realidade é uma característica peculiar do psicopata. Para a autora, tal traço é marcante na personalidade do indivíduo, correlacionando-o com a esquizofrenia:

> Essa característica do psicopata nos faz pensar na esquizofrenia, porque, neste sentido, a pessoa acometida pela doença se mantém fora da realidade. A esquizofrenia é uma doença mental que se manifesta por meio de delírios, alterações do pensamento, alucinações, alterações do afeto etc. No caso do psicopata, às vezes, me parece que há uma ou mais dessas características, pois, enquanto mente e cria histórias, é como se vivesse fora da realidade (SINA, 2017, p.17).

> Embora essa doença tenha manifestações claras quando temos algum entendimento sobre o assunto, podemos nos confundir ao conviver com esses seres cruéis. Eles podem parecer destemidos e determinados, porém, em alguns casos, escondem uma falta de motivação que os levará objetivos irrealistas de longo prazo. Isso ocorre também porque têm tendência a não se comprometerem com o futuro, pois vivem basicamente para o presente momento. Eu diria até que vivem fora da realidade, num mundo paralelo, sem perceber as reais necessidades da vida. Misturam-se com as pessoas saudáveis e passam a ideia de que estão lutando pelos mesmas ideias, mas não é verdade, eles tem traços que me lembram os esquizofrênicos que vivem fora da realidade (SINA, 2017, p.35).

Diante do exposto acima, Sina (2017) diferencia-se completamente das ideias dos demais pesquisadores, pois estes cientistas afirmam que os psicopatas não são desorientados e não experimentam alucinações, delírios ou

o desconforto intenso que caracteriza a maioria dos transtornos mentais, ou seja, não são loucos. Ela é a única autora que associa a psicopatia com a esquizofrenia.

Perante inúmeras discordâncias sobre vários aspectos do psicopata, existe uma convergência unanime entre os principais estudiosos do tema: os psicopatas não podem ser curados. Silva (2008), Clarke (2011), Sina (2017) sustentam esta ideia através das citações abaixo:

> Senhoras e senhores, não trago boas-novas. Com raras exceções, as terapias biológicas (medicamentos) e as psicoterapias em geral se mostram, até o presente momento, ineficazes para a psicopatia. Para os profissionais de saúde, este é um fator intrigante e ao mesmo tempo desanimador, uma vez que não dispomos de nenhum método eficaz que mude a forma de um psicopata se relacionar com os outros e perceber o mundo ao seu redor. É lamentável dizer que, por enquanto, tratar um deles costuma ser uma luta inglória. (SILVA, 2008, p.161).

> Não existe nenhum tratamento eficaz para a psicopatia porque é um transtorno de personalidade difuso que leva muitos anos para se formar. Uma suposição fundamental de qualquer programa de terapia é que a pessoa buscando tratamento queira ajuda e esteja disposta a mudar seu comportamento. O psicopata não procura ajuda porque vê que seu

> comportamento de autogratificação está satisfazendo as suas necessidades (CLARKE, 2011, p.82).
>
> Estudo o tema há muitos anos e cada vez que vejo um texto, uma entrevista, ou falo com algum especialista, percebo que há um ponto comum, que é a insistência de que não há cura para essa doença. [...] O psicopata tem um grave distúrbio de personalidade, sem remorso. Não é uma fase que vai e volta, é algo da própria pessoa, sem ter cura, sem fim. Portanto, se prevenir aprendendo a lidar com eles é a única solução (SINA, 2017, p.46-48).

Além da inexistência de cura para a psicopatia, os programas de tratamento e reabilitação, incluindo o coaching executivo, podem piorá-los, pois os psicopatas podem dominar novas técnicas e desenvolver habilidades para controlar e manipular todos ao seu redor, conforme as citações de Silva (2008), Clarke (2011), Sina (2017):

> Estudos também demonstram que, em alguns casos, a psicoterapia pode até agravar o problema. Para as pessoas "de bem", as técnicas psicoterápicas sem dúvida alguma são fundamentais para a superação das suas angústias ou dos seus desconfortos. No entanto, para os psicopatas as sessões terapêuticas podem muni-los de recursos preciosos que os aperfeiçoam na arte de manipular e trapacear os outros. Embora eles continuem incapazes de sentir boas
> emoções, nas terapias os psicopatas aprendem "racionalmente" o que isso pode significar e não poupam esse conhecimento para usá- lo na primeira oportunidade. Além disso, eles acabam obtendo mais subsídios para justificar seus atos transgressores, alegando que estes são fruto de uma infância desestruturada. De posse dessas informações, eles abusam de forma quase "profissional" do nosso sentimento de compaixão e da nossa capacidade de ver a bondade em tudo (SILVA, 2008, p.165).
>
> "Reabilitar" o psicopata corporativo é uma proposta, no mínimo, difícil. Poucos estudos examinaram o psicopata corporativo, porém os estudos de criminosos psicopatas violentos sugerem que programas de reabilitação podem tornar o psicopata pior. O psicopata pode desenvolver novas habilidades sociais que são usadas para manipular as pessoas de forma mais eficaz. (CLARKE, 2011, p.07).
>
> Pesquisas nos Estados Unidos mostram que reabilitação de psicopatas corporativos não é recomendável, pois eles podem aprender novas técnicas para manipular as pessoas. Imagine o que uma pessoa com as características citadas nesse depoimento faria se tivesse acesso à técnica de entendimento da mente humana (SINA, 2017, p.46).
>
> Acontece que, em alguns casos, não há solução para o problema porque o executivo não irá mudar o comportamento e pior, irá aprender como deve se comportar para parecer que houve uma evolução. Isso é prejudicial à empresa e até para a imagem do profissional em questão. Ou seja, quando esse executivo é levado a esse treinamento, todos os subordinados e pares passarão a vê-lo como alguém que tem deficiências no trato com as pessoas e, portanto, não está capacitado para gerir os negócios e lidar com as pessoas (SINA, 2017, p.66).

Considerando-se as sete citações diretas acima concernentes à possibilidade de cura e os planos para tratamento e reabilitação do psicopata, percebe-se que todos os autores convergem para a mesma perspectiva: não há cura para o indivíduo portador da psicopatia e os programas de recuperação são inefetivos. Cleckley (1955) apud Hidalgo e Serafim (2016, p.19) ratifica que o psicopata não se beneficia com tratamentos, porém, as emoções positivas associadas aos psicopatas-primários podem levar a uma visão limitada dos problemas e, por conseguinte, sugerem uma falta de receptividade do programa de reabilitação.

A exceção, no tocante aos projetos de regeneração do psicopata é Hare (2010) apud Menezes (2010, p.03-04). A única alternativa possível de tratamento constitui-se na tentativa de alteração comportamental do psicopata

até determinado ponto, numa espécie de ação de redução de danos, apelando para o seu senso de egoísmo, conforme explanado anteriormente.

Em face de tantas divergências nas opiniões dos pesquisadores e entidades globais da área médica sobre a diversidade de nomenclaturas, Silva (2008), afirma que os psicopatas são denominados por inúmeros termos, como, por exemplo, sociopatas, personalidades antissociais, personalidades dissociais, personalidades psicopáticas, entre outros. Devido à ausência de uma concordância concreta, a denominação da psicopatia acarreta discussões ao longo do tempo. Na concepção da autora, vários órgãos de saúde e pesquisadores espalhados pelo mundo preferem diferenciá-los de acordo com critérios subjetivos, atrapalhando o público em geral. A APA via DMS V utiliza o termo TPA. Em compensação, a OMS através da CID10 usa a expressão transtorno de personalidade dissocial.

Defronte de inúmeros pontos discordantes nas concepções dos estudiosos e instituições globais da área de saúde sobre a psicopatia, o Quadro 05 retrata as considerações dos principais autores sobre a origem, o enquadramento como uma doença, possibilidade de cura e tratamento da psicopatia, a utilização de diferentes nomenclaturas equivalentes ao psicopata e aspectos discrepantes. Desta maneira, sintetiza-se através do Quadro 05:

Quadro 05 – Similaridades e Diferenças entre as Ideias dos Pesquisadores

Pesquisadores **Critérios**	**Cleckley**	**Hare**	**Silva (2008)**	**Clarke (2011)**	**Sina (2017)**
Definição	Doença mental (ausência dos sintomas das psicoses)	Comportamento social desviante	Desvio social	Distúrbio de personalidade	Transtorno (distúrbio) de personalidade
A definição alinha-se com a APA e a OMS?	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Utilização de outras nomenclaturas?	TPA	Não	Sim (diversos)	Não	Sim (diversos)
Origem	Inata, porém não hereditário.	Híbrido-fatores genéticos, biológicos e sociais.	Híbrido-fatores genéticos, biológicos e sociais.	Híbrido-fatores genéticos, biológicos e sociais.	Híbrido-fatores genéticos, biológicos e sociais (menor grau).
Doença?	Sim	Não	Não	Não	Sim
Cura?	Não	Não	Não	Não	Não
Tratamento?	Não.	Muito difícil: tentativa via redução de danos-senso de egoísmo	Não (piora a psicopatia)	Não (piora a psicopatia)	Não (piora a psicopatia)

		do psicopata			
Aspectos discrepantes	-	-	-	-	Única autora que associa a psicopatia com a esquizofrenia

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Complementando o quadro acima, no que diz respeito às discrepâncias de ideias entre os estudiosos referentes à psicopatia, Silva (2008) atesta que os estudos médicos sobre os psicopatas apresentam relevantes obstáculos de serem feitos, porque as amostras realizadas para tal finalidade dependem dos relatos dos avaliados. Desta forma, a pesquisa médica sobre o perfil do psicopata é uma missão profundamente difícil, já que os mesmos não possuem interesse em divulgar uma informação importante para os pesquisadores. Eles buscam permanentemente manipular a verdade para conseguirem vantagens.

Segundo Silva (2008), a utilização de novas tecnologias de neuroimagens contribui para fortalecer o diagnóstico da psicopatia, visto que as pesquisas realizadas direcionam para modificações específicas da atividade cerebral do psicopata. Indivíduos sem nenhum traço de psicopatia manifestaram intensa atividade da amígdala (botão que aciona todas as emoções) e do lobo frontal (setor do cérebro relacionado à razão), neste último em menor intensidade, quando foram incentivadas a se projetarem praticando atos imorais e malvados. Contudo, quando os mesmos testes foram executados num grupo de psicopatas criminosos, os resultados mostraram uma resposta fraca nos mesmos circuitos.

Silva (2008) faz uma analogia para esclarecer a explicação acima, considerando a amígdala o "coração cerebral". Desta forma, a autora assegura que os psicopatas são indivíduos sem "coração mental". Seus cérebros são frios e, consequentemente, incapazes de sentir emoções positivas, como o amor, a amizade, a gratidão, por exemplo. Para a autora, os indivíduos portadores da psicopatia têm grave "miopia emocional" e, a partir do momento que não sentem tais emoções positivas, suas amígdalas interrompem a transmissão, de maneira adequada, as informações para que o lobo frontal (parte racional do cérebro) seja capaz de estimular comportamentos corretos. Desta forma, chegam poucos dados do sistema límbico (responsável pelas emoções) para o lobo frontal (parte racional e executivo do cérebro), que, sem informações emocionais, programa um comportamento lógico e racional, porém destituído de afeto.

Silva (2008), partindo do princípio de que a modificação inicial dos psicopatas é uma amígdala hipofuncionante, ou seja, deficiente, expõe os cenários abaixo:

> a) Psicopatas pensam muito e sentem pouco. Suas ações são racionais e a razão tende sempre a escolher, de forma objetiva, o que leva à sobrevivência e ao prazer. De forma primitiva a razão usa a "lei da vantagem" sempre. Essa forma de pensar privilegia o indivíduo e nunca o outro ou o social (SILVA, 2008, p.159).

> b) Como espécie, os homens evoluíram muito evoluíram muito mais por sua capacidade de cooperação social do que por seus atributos individuais. Assim, podemos perceber que os psicopatas são seres cujas tomadas de decisão privilegiam sempre os interesses individuais e/ou oligárquicos mesquinhos e nunca o social e/ou o coletivo de conteúdo solidário (SILVA, 2008, p.159).
>
> c) Sem conteúdo emocional em seus pensamentos e em suas ações, os psicopatas são incapazes de considerar os sentimentos do outro em suas relações e de se arrependerem por seus atos imorais ou antiéticos. Dessa forma, eles são incapazes de aprender através da experiência e por isso são intratáveis sob o ponto de vista da ressocialização (SILVA, 2008, p.159).

Diante do exposto acima, Silva (2008) conclui que não existem dúvidas de que os psicopatas possuem uma deficiência na conexão das emoções com a razão e a conduta. A autora frisa que eles não têm uma lesão nos córtex pré- frontais (relacionado a ações diárias da espécie utilitarista) e na amígdala (botão que aciona todas as emoções). A pesquisadora atesta que os pacientes que possuem tais degenerações ocasionadas por hemorragias, isquemias, traumatismos ou tumores exprimem atitudes que recordam as ações realizadas pelos psicopatas, pois são indiferentes com as demais pessoas e

consigo mesmas. Ademais, os pacientes de lesão cerebral se apresentam inaptos de se adequar de maneira cabível a uma ocupação profissional, a sua família e a seus amigos, ou seja, ao meio ambiente. Todavia, os psicopatas manifestam essas disfunções em níveis oscilantes. A escritora finaliza, exemplificando que alguns dos indivíduos psicopatas estudam com afinco, outros são bem sucedidos nas suas carreiras profissionais. Existem aqueles que praticam transgressões desde pequenos e, no pior cenário possível, há os que podem levar uma vida supostamente ajustada, porém paralelamente praticam crimes desumanos e asquerosos.

Hare (2010) apud Menezes (2010, p.04) garante que os psicopatassabem a diferença entre certo e errado. Ele corrobora com a Silva (2008) ao afirmar que o cérebro dos psicopatas apresenta diferenças físicas e funcionais, porém que tais diferenças não significam que eles sejam anormais, defeituosos ou possuam qualquer deficiência. Eles são simplesmente diferentes. O autor, a partir da perspectiva da psicologia evolutiva assegura que, o que os psicopatas fazem tem muito sentido. Para ele, tentar entender tais indivíduos é que é muito difícil. O escritor utiliza uma metáfora envolvendo dois animais: o gato e o rato. O rato não entende porque o gato o persegue e o gato não entende porque o rato reclama de algo que o gato foi criado para fazer: perseguir o rato.

A partir dessa perspectiva, a psicologia evolutiva diz que os psicopatas são produtos da natureza, da evolução, e que existem para desempenhar certas funções na sociedade. O maior problema para a vítima do psicopata é que enquanto o rato sempre sabe quem é o gato, é difícil identificar o indivíduo psicopata. Para o pesquisador, os tribunais ao redor do mundo terão de determinar se a psicopatia é uma doença ou não e se isso reduz a responsabilidade criminal. Esta decisão é complexa, tendo em vista que cada localidade possui hábitos e costumes dentro da psicologia.

No âmbito jurídico, diante da inexistência de definição médica e legal no que se refere à psicopatia, no Brasil, o entendimento jurisprudencial nacional, devido à falta de um consenso definitivo sobre o conceito de psicopatia bem como a carência de métodos efetivamente aptos para diagnosticar com objetividade essa conduta, a inclusão desses indivíduos ocorre na esfera da semi-imputabilidade, versada no artigo 26, parágrafo único do Código Penal (TOBLER, 2015).

Dessa maneira, há uma perturbação mental que reduz a capacidade de percepção da conduta desviante, mas que não exclui a responsabilidade pela ação praticada. O método de identificação desta conduta deve ser analisado por um perito, através de um exame de insanidade mental, em conformidade com os artigos 149 a 151 do Código de Processo Penal, sendo possível a sua solicitação em qualquer etapa do procedimento criminal. Mesmo que o perito seja favorável à imputabilidade, prevalece o ponto de vista do juiz, desvinculado quanto ao laudo. Desta maneira, o entendimento do transtorno de personalidade psicopata torna-se complexo e subjetivo, perante a liberdade de escolha do magistrado em relação aquilo que lhe parece mais sensato (TOBLER, 2015).

Coelho, Pereira e Marques (2017) reafirmam o ponto de vista de Tobler (2015), no que se refere à disposição do Código Penal brasileiro e a rara produção doutrinária sobre a temática:

> O Código Penal dispõe apenas de forma genérica, sobre a conceituação de imputabilidade, semi-imputabilidade e inimputabilidade, não enquadrando, contudo, os agentes criminosos diagnosticados com psicopatia em uma ou outra classificação (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).
>
> Ademais, verificou-se que a escassa produção doutrinária a respeito do tema, deixa os juízes, por muitas vezes, sem qualquer embasamento teórico para decidir diante de casos que tais de alta complexidade. Por isso, se torna extremamente importante à atuação conjunta do Poder Judiciário e dos profissionais do ramo da psiquiatria e psicologia, os quais, mediante um estudo aprofundado do agente criminoso, sua mente e personalidade, com a consequente confecção do laudo para cada caso, auxiliam de forma especial no enquadramento da responsabilidade penal do psicopata (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).

A inclusão dos psicopatas na esfera da semi-imputabilidade e a importância do laudo psiquiátrico para fundamentar a decisão do magistrado são mais duas observações convergentes entre o ponto de vista de Coelho, Pereira e Marques (2017) e Tobler (2015):

> A pesquisa jurisprudencial realizada, em especial dos arestos do TJDFT e do TRS, demonstrou que os Tribunais têm entendido que o psicopata, a despeito de possuir capacidade de entendimento
> (cognitiva) preservada, não consegue, por vezes, se determinar diante da situação (capacidade volitiva), resultando, assim, na semi- imputabilidade, prevista no art. 26, parágrafo único, do Código Penal (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).
>
> Diante de tais considerações, foi possível concluir que, via de regra, o psicopata não é inimputável. Contudo, a conclusão quanto à sua imputabilidade ou semi-imputabilidade depende da análise do caso concreto e, sobretudo, de um embasamento em laudo psiquiátrico (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).

De acordo com Coelho, Pereira e Marques (2017), a punição adotada pela justiça é apropriada diante da completa inutilidade de qualquer tratamento psiquiátrico ou psicológico visando à cura do psicopata, pois a psicopatia é incurável e, consequentemente, aumenta a possibilidade de reincidência criminal, que pode expor a sociedade em risco novamente:

> Ademais, à luz do que foi pesquisado, foi possível concluir que a solução adotada pelos Tribunais, alternativa à soltura do psicopata quando do término de sua pena/medida de segurança, é a decretação da interdição no âmbito civil, com a posterior internação compulsória em hospital psiquiátrico ou estabelecimento congênere (COELHO, PEREIRA e MARQUES, 2017, p.04).

Examinando-se as opiniões de quatro autores, Tobler (2015), Coelho, Pereira e Marques (2017), no que tange a carência de definição legal no Brasil, a respeito da categorização do psicopata, conclui-se que alguns elementos são determinantes para tal insuficiência presente no Código Penal brasileiro. O primeiro fator é a inexistência de definição médica no enquadramento da psicopatia. Este aspecto, conforme abordado anteriormente, não é um limitador exclusivo no contexto nacional, ou seja, diversos países apresentam o mesmo dilema, pois não existe o alinhamento de pensamentos para a definição própria do conceito de psicopatia, outrora explicado. O segundo elemento é a necessidade da atuação conjunta do Poder Judiciário e dos profissionais da área psiquiátrica, psicológica e neurológica. Estes especialistas, pesquisadores sobre o fenômeno da psicopatia, munidos de laudos médicos, devem auxiliar a tomada de decisão do magistrado para o correto enquadramento da responsabilidade penal do psicopata.

Para Trindade (2015), a questão da psicopatia não interessa apenas à criminologia, à psicopatologia ou ao direito penal. O autor diz que se vincula à democracia, pois é muito árduo determinar a justa medida entre psicopatia e as seguintes esferas: punição, segurança social e tratamento. Para o escritor, a psicopatia constitui um dos mais graves problemas e conceitos da psicologia, e serve como exemplo do impacto causado por um tema de um determinado campo, no caso o psicológico, pode repercutir em outras áreas da sociedade, concordando com as linhas de raciocínio de Hare (2010) apud Menezes (2010, p.03-05), Tobler (2015) e Coelho, Pereira e Marques (2017).

Trindade (2015) realça que os psicopatas põem amplos desafios à ciência e ao direito. Ele questiona diversos pontos não desvendados sobre o fenômeno da psicopatia, como, por exemplo, se tem cura, quais as suas causas, se penas severas solucionam o problema do comportamento do psicopata. O autor questiona-se a respeito da psicopatia ser ou não ser considerada uma doença mental. Ele afirma que, por tais questões passam profundas teorias jurídicas, neuropsiquiátricas, psicológicas e sociológicas. Contudo, nenhuma delas responde definitivamente essas dúvidas. Desta forma, o escritor enfatiza que se sabe muito pouco sobre a psicopatia e o comportamento dos psicopatas.

Caso a psicopatia seja considerada como uma doença mental gera-se, do panorama jurídico e processual, um sério problema, tendo em vista que, se um indivíduo comete um crime em tal condição, poderá ser considerado não responsável pelos seus atos, ou seja, inimputável e, consequentemente, isento de pena. Assim, de acordo com a lei penal, o psicopata terá que cumprir medida de segurança, porque pessoas que possuem uma doença mental não conseguem entender a natureza ilegal do seu ato ou se comportar de acordo com essa compreensão, precisando de um tratamento especializado (TRINDADE, 2015).

Em contrapartida, Trindade (2015) diz que a psicopatia não configura uma doença mental do mesmo modo que a esquizofrenia, a depressão psicótica ou os transtornos delirantes, por exemplo. O escritor evidencia que os psicopatas não deliram e não rompem com o princípio da realidade, corroborando com os pontos de vista de diversos autores explicitados anteriormente.

Diante disto, o pesquisador atesta que os psicopatas são considerados a máscara da sanidade, em alusão ao título da obra de Cleckley, The Mask of Sanity, primeira versão lançada em 1941, mas não devem ser a máscara da

justiça. O autor sustenta que indivíduos com o perfil psicopata não merecem benefícios jurídicos da mesma maneira de pessoas que cometem uma transgressão em circunstâncias excepcionais, famintas, por exemplo. Para Trindade (2015), o delito é um acontecimento, uma ação ou omissão, não uma estrutura de funcionamento mental. Ele alega que um indivíduo pode cometer uma infração sem, necessariamente, ser um criminoso, como uma pessoa pode ingerir bebida alcoólica sem, contudo, ser um alcoólatra.

De outro modo, se a psicopatia for considerada exclusivamente uma doença mental como as demais catalogadas, segundo Trindade (2015), o assunto que se indaga é a respeito de sua possibilidade de cura. O escritor questiona a relação entre a psicopatia e a resposta aos tipos de tratamento disponíveis, já que os resultados não são animadores. Por outro lado, o autor converge com as explicações de Silva (2008) e Hare (2010) apud Menezes (2010, p.04) no que se refere à importância da utilização de novas tecnologias de neuroimagens para fortalecer o diagnóstico da psicopatia. O autor reconhece que pesquisas modernas realizadas por imagens do cérebro evidenciam que os psicopatas apresentam uma alteração orgânica e funcional da área cortical do lobo frontal, por volta de 11% menos que da chamada zona cinzenta lobo pré-frontal (região da testa), onde estabelecem funções relacionadas com a ação e a inibição do comportamento.

De acordo com o pesquisador, tais estudos neurológicos indicam que a psicopatia é uma doença e, desta forma, o resultado judicial inclina-se para a direção da inimputabilidade do indivíduo. Porém, na perspectiva legal, além de questões de política criminal e segurança social, para o escritor, esta não é a melhor solução. Ele argumenta que não se pode premiar a pessoa que assume a delinquência como estilo de vida. Para Trindade (2015), enquadrar a psicopatia como uma condição de caráter moral do

indivíduo, e não uma doença mental pode ser a solução racional e jurídica para responsabilizar os psicopatas por seus próprios atos e, consequentemente, totalmente imputáveis (culpáveis) e passíveis de pena.

Babiak e Hare (2006), autores da obra Snakes in Suits – When psychopaths go to work, afirmam que a maioria dos trabalhadores é composta por cidadãos honestos, leais, cumpridores da lei e que desejam contribuir para a formação de uma sociedade melhor. Todavia, outros são mais individualistas e egocêntricos, tendo pouca consideração pela justiça e pela igualdade. No mundo dos negócios existem alguns indivíduos que permitem que as responsabilidades e o poder inerente aos cargos de liderança substituam seus valores morais. Para os autores, a elevação no número de relatos de assédio moral em grandes companhias não pode ser encarada com espanto, diante do aumento da acessibilidade ao poder irrestrito, recursos de proporções inimagináveis e a disseminação de condutas éticas e morais questionáveis. Porém, há outro grupo nas organizações cujos comportamentos e atitudes são potencialmente mais destrutivos para a empresa e seus colaboradores do que aqueles notavelmente motivados por ganância ou egocentrismo. Este grupo demonstra um transtorno de personalidade, enraizado em mentir, manipular, enganar, são egocêntricos, insensíveis e outras características destrutivas. Segundo os escritores, os indivíduos inclusos nessa categoria são chamados de psicopatas corporativos.

Além dos problemas ocasionados para seus cônjuges, amigos e membros da família por causa de seus comportamentos abusivos, os psicopatas corporativos são extremamente prejudiciais para os relacionamentos profissionais. A ideia de grandiosidade, o senso de direito e a ausência do pensamento de coletividade geram conflitos com chefes e colegas de trabalho. A impulsividade e a filosofia de vida baseada no senso de imediatismo os levam a repetir estas e outras disfuncionalidades e atitudes deploráveis, antiéticas e antiprofissionais, apesar das avaliações de desempenho e programas de treinamento. Muitos especialistas acreditam que estas características proporcionam uma carreira de sucesso em longo prazo para os psicopatas corporativos nas empresas. Porém, o impacto destrutivo propiciado pela atuação do indivíduo psicopata desmente o pensamento anterior. Os crimes contra empresas e instituições, como, por exemplo, crimes econômicos ou colarinho branco, tais como fraude, apropriação ou manipulação indébita, além dos diversos danos emocionais e físicos gerados contra os colegas que trabalham em tais organizações, refletem o caos instaurado pelo psicopata corporativo (BABIAK; HARE, 2006).

Para Babiak e Hare (2006), a quantidade de psicopatas corporativos é expressiva em cargos de liderança, porém são difíceis de serem detectados devido as suas características citadas anteriormente, que camuflam os seus verdadeiros perfis. Seguramente, indivíduos psicopatas representam muito mais do que 1% dos gerentes e executivos de negócios ao redor do mundo considerados em outras pesquisas, contrapondo outros estudiosos que estimam que 1% da população adulta trabalhadora é composta por

psicopatas corporativos. Os autores relatam que, por volta de 10% da população não pode ser definida como sendo composta de psicopatas corporativos, porém apresentam características do perfil do indivíduo psicopata que são suficientes para impactar negativamente nas pessoas com quem se relacionam no ambiente de trabalho.

Silva (2008) afirma que os psicopatas estão em todos os lugares e em inúmeras profissões. As empresas estatais e privadas constituem um ambiente propício para a ascensão do psicopata corporativo. Indubitavelmente, o papel de liderança em cargos de diretoria executiva ou nível gerencial é um atrativo para o psicopata, pois oferece boas remunerações, gera status social, controle e poder sobre os colegas de trabalho e um vasto território de atuação e influência. A identificação do psicopata corporativo é uma tarefa complicada, pois o pensamento a cerca da psicopatia correlaciona-se com as prisões e os manicômios judiciários. O fato de o psicopata agir com tato e habilidade no âmbito empresarial é outro fator limitante que atrapalha a identificação desse ser, ratificando as ideias de Babiak e Hare (2006).

No ponto de vista da autora, a maioria dos psicopatas utiliza suas ocupações profissionais para conquistar poder e controle sobre as pessoas. Tais profissões podem ajudá-los ainda na camuflagem social daqueles que não possuem uma vida criminosa. Muitos se disfarçam em pessoas responsáveis através de seus empregos. A escritora exemplifica, afirmando que os psicopatas podem ser encontrados em quaisquer atividades, como, por exemplo: policiais que gerem redes de prostituição, juízes que consumam os mesmos delitos que os réus, porém no julgamento os condenam com argumentações legais perfeitas, banqueiros que espalham falsos boatos econômicos na economia. Também estão alguns líderes de seitas religiosas, que exploram sexualmente de seus seguidores, ou ainda políticos e homens de Estado que apenas usam o poder em benefício próprio. Para a pesquisadora, a classe política representa grande ameaça pelo tamanho do poder que pode possuir. Silva (2008) enfatiza a presença dos psicopatas em casos de pedofilia.

Para praticarem tal atrocidade, os psicopatas optam em exercer profissões que possibilitam a convivência com crianças. A autora exemplifica, citando professores, chefes de escoteiros, treinadores esportivos, pediatras, religiosos que atuam em colégios, entre dezenas de profissões que exigem convívio com crianças. Estes postos de trabalho ostentam uma fama socialmente reconhecida como ilustres e educativas. Finalizando, a escritora ratifica que o psicopata pedófilo utiliza, de forma ardilosa, tal estratégia para se aproximar de suas vítimas, sem provocar desconfianças.

De acordo com Clarke (2011), o psicopata corporativo almeja poder e controle sobre as pessoas, nutrindo-se do tormento imposto aos colegas de trabalho. Eles manipulam pessoas e organizações e prejudicam imensamente as carreiras dos demais colaboradores e, consequentemente, a própria empresa. Segundo o autor, os psicopatas corporativos se encontram em todos os tipos de organizações, atuando desde o cargo de executivo chefe até o de menor posto na companhia. “Eles usam um arsenal

de técnicas psicológicas destinadas a causar o máximo de confusão e conflito possível dentro da empresa." (CLARKE, 2011, p.09) Para o escritor, o psicopata corporativo sente prazer em destruir psicologicamente seus colegas de trabalho.

"Estatísticas dão conta de que, na população mundial, 4% das pessoas sofrem de psicopatia." (SINA, 2017, p.13) Porém, segundo a autora, é difícil realizar o diagnóstico, porque os psicopatas são indivíduos dissimulados e que apresentam comportamento duplo, isto é, são ótimas pessoas perante a sociedade, entretanto são péssimas na sua intimidade. "Um dos grandes problemas para se identificar a psicopatia dentro do ambiente de trabalho é o fato de ela estar quase sempre ligada a personagens de ficção em livros, filmes e, principalmente, séries de televisão." (SINA, 2017, p.19) A mentira constitui o eixo central na vida do psicopata. A escritora argumenta que, a forma como se comporta no ambiente de trabalho pode ser totalmente distinta da que vive nos demais espaços sociais, no seu mundo particular, vendendo uma ilusão para quem atua com ele. "No interior das organizações, a psicopatia se disfarça entre pessoas comuns e, com o passar do tempo, se apresentará como fera predadora" (SINA, 2017, p.22).

Sina (2017) caracteriza o psicopata corporativo como charmoso, de personalidade marcante, encantador, inteligente, afirmando que, geralmente, possui uma carreira de sucesso. Para a autora, embora tenha um charme artificial, conquista as pessoas facilmente. Este indivíduo tende a ser e ter uma presença significativa e cativante, causando uma excelente impressão por onde passa até que seja divulgada sua real identidade. O psicopata corporativo através do seu comportamento seguro e afirmativo, além de detentor de um excelente poder de argumentação, analisa minuciosamente as pessoas para controlá-las, visando o próprio benefício.

"Atualmente são confundidas as características de um psicopata com as necessárias para uma gestão em tempos de crise." (SINA, 2017, p.07) Para a autora, objetividade focada em resultados, agressividade para tomar decisões impopulares, maestria para atuar perante intensa pressão, entre outros atributos que os transformam em excepcionais candidatos para cargos de alta gestão e liderança. Alguns indivíduos, quando inseridos em tal contexto, atuam de maneira competente, agradando seus chefes, porém, por trás, agem de maneira escusa, traindo e fraudando informações. "É interessante perceber que várias das características de um psicopata podem ser confundidas com competência, ou seja, parece que há uma visão conturbada sobre o assunto" (SINA, 2017, p.39).

Para a escritora, o psicopata, devido a sua maneira intensa de enxergar o mundo, realiza mais atividades que os demais colegas de trabalho em geral. "É capaz de iniciar vários projetos ao mesmo tempo, dando a impressão de que produz muito, mesmo que em algum momento ele delegue o trabalho pesado ou desista sem concluir" (SINA, 2017, p.39).

"Como o ambiente permite um comportamento camuflado, a psicopatia se apresenta dentro das empresas também como uma violência moral, já que o psicopata quebra inúmeras negras sociais."

(SINA, 2017, p.21) A autora adverte que, deve-se tomar cuidado com tal conduta, porque desencadeia grande impacto negativo na rotina de trabalho dos demais colaboradores.

Analisando-se os pensamentos de diversos pesquisadores a respeito da atuação do psicopata nas empresas, os Quadros 06 e 07 apresentam outras definições e características deste indivíduo. Observa-se o emprego de distintas nomenclaturas para defini-lo. A utilização de diversos adjetivos para caracterizá-lo também é um aspecto que chama a atenção, conforme abaixo:

Quadro 06 – Definições do Psicopata Corporativo

Pesquisadores	**Definições do Psicopata Corporativo**
Garrido *et al.* (2000) *apud* Medeiros, Júniore Possas (2015, p.105).	Essas características também são utilizadas para descrever oassediador. Na literatura sobre assédio moral no trabalho, o assediador é descrito como um psicopata corporativo;
Boddy (2005, 2011) *apud* Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.104).	As expressões psicopata corporativo, psicopata executivo, psicopata industrial e psicopata organizacional descrevem psicopatas que trabalham e que operam no âmbito das organizações e, impiedosamente, manipulam os outros, sem consciência, para promover seus próprios objetivos.
Olivares (2006) *apud* Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	O assediador é um verdadeiro psicopata organizacional;
Wesler (2008) *apud* Campelo e Sousa (2016, p.03).	Trabalhador que se mantém empregado e ascende profissionalmente com rapidez, através de ações ilícitas;
Boddy, Laydyshewsk ye Galvin (2010a) *apud* Campelo e Sousa (2016, p.03).	Pessoas que atuam de maneira simpática para alavancar sua carreira, agindo com ações enganosas;
Boddy (2011a)*apud* Campeloe Sousa (2016, p.03).	Trabalhadores de organizações que manipulam pessoas para alcance dos objetivos próprios;
Gudmundsson e Southey (2011) *apud* Campelo e Sousa (2016, p.03).	Pessoa bem sucedida com traços psicóticos não identificados em sistemas de saúde como comportamentos antissociais;

Smith e Lilienfeld(2013) *apud* Campelo e Sousa (2016, p.03).	Pessoas que geram destruição para empresas e empregados relacionados aos chefes tóxicos;
Marshal *et al.* (2015) *apud* Campelo e Sousa (2016, p.03).	Pessoas manipuladoras que tem objetivos próprios e atitude impiedosa, sem preocupação com o próximo;

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Quadro 07 – Características do Psicopata Corporativo

Pesquisadores	Características do Psicopata Corporativo
Freitas (2001) *apud* Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Indivíduos perversos;
Hirigoyen *et al.* (2003) *apud* Medeiros, Júniore Possas (2015, p.105).	Inveja, a apropriação de méritos, o discurso totalitário e a capacidade de culpabilização de outros por suas fraquezas e dificuldades; Personalidade perversa;
Heloani (2004) *apud* Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Tomam para si méritos de outros e sugam as energias alheias para conseguir o que querem: serem reconhecidos como profissionais eficientes e merecedores de admiração, mesmo que tratem as pessoas de forma arrogante e depreciativa. Com personalidade narcisista e traços destrutivos, acabam por ter sua autoestima estimulada e fortalecida devido à situação gerada.
Hirigoyen (2006) *apud* Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Pessoas com sede de poder;
Wesler (2008) *apud* Campelo e Sousa (2016, p.04).	Charme; Determinação;
Heloani (2011) *apud* Medeiros, Júnior e Possas (2015, p.105).	Narcisistas, habilidosos, carismáticos, políticos, admirados;
Boddy (2011a)*apud* Campeloe Sousa (2016, p.04).	Carisma; Confiança; Coragem; Persuasivos; Aversão à crítica; Aventureiro; Desarmonioso;
Gudmundsson e Southey (2011) *apud* Campelo e Sousa (2016, p.04).	Extrovertido; Consciente; Neurótico; Afável; Impulsividade; Busca de emoções; Baixa empatia; Baixa ansiedade; Egocentrismo; Oportunismo; Crueldade; Encantadores; Manipuladores; Ambiciosos; Megalomaníaco, ou seja, apresentar ar de superioridade, além decriticar os outros com frequência, de não estabelecer relação de afeto e de mostrar desinteresse para com os demais.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

De acordo com o exposto acima, Silva (2008), Clarke (2011) e Sina (2017) definem a missão do psicopata corporativo, conforme as citações abaixo:

> Os psicopatas não vão ao trabalho, vão à caça. Como observamos na primeira parte do capítulo, no mundo corporativo a ação dos psicopatas pode ser comparada a de animais ferozes na busca implacável do poder e do domínio sobre o maior número de pessoas possível, assim como os grandes predadores fazem na demarcação dos seus territórios (SILVA, 2008, p.95-96).
>
> Existem dois objetivos para muitos psicopatas corporativos. O primeiro é chegar ao topo pelas recompensas financeiras e o poder que a posição traz. O segundo objetivo para os psicopatas é se deleitar com o sofrimento e a miséria que eles infligem às pessoas com as quais trabalham (CLARKE, 2011, p.08).
>
> Para o psicopata, há um critério de vida corporativo muito claro: os subordinados ou chefes devem ser adulados ou destruídos, pois podem se vingar. Seja uma vingança leve ou grave. Por isso, o predador sabe até que ponto pode ofender para provocar a vingança (SINA, 2017, p.29).

Analisando-se as citações acima, percebe-se que os psicopatas corporativos almejam poder e controle na organização, visando à ascensão no quadro de colaboradores da companhia e, consequentemente a obtenção das recompensas financeiras. Silva (2008) e Sina (2017) fazem uma analogia com predadores, ou seja, para elas o psicopata corporativo são grandes feras e caçadores de escritório, farejando as potenciais vítimas para causar-lhes miséria e sofrimento, em conformidade com Clarke (2011).

Clarke (2011) assegura que uma série de traços de personalidade e comportamentais destaca-se entre os psicopatas corporativos. Tais características podem ser divididas entre as seguintes áreas gerais:

a) Comportamento empresarial/gerencial;
b) Comportamento interpessoal;
c) Características emocionais/individuais.

"Geralmente, as características de conduta empresarial/gerencial são tipificadas por um desejo de aumento de poder e controle dentro da companhia." (CLARKE, 2011, p.09-10) Desta forma, origina-se um conflito com os demais colaboradores da organização, pois o psicopata corporativo tomará

qualquer atitude para obter este poder e o controle. "Ele se delicia com esse conflito, já que a atmosfera de confusão e hostilidade permite que ele continue manipulando a situação para a sua própria vantagem." (CLARKE, 2011, p.10) Sina (2017) corrobora com a opinião do autor. Para ela, a manipulação é uma característica exacerbada no psicopata corporativo. A autora finaliza, confirmando que ele executará qualquer ação para ganhar. "Perder, para ele, está fora de cogitação" (SINA, 2017, p.29).

"A conduta interpessoal do psicopata corporativo é norteada por uma falta geral de confiabilidade." (CLARKE, 2011, p.10) Para o autor, tal comportamento é caracterizado pelo anseio

de poder e controle, ausência de consideração pelos sentimentos alheios, manipulação, intimidação e enganação para com os colegas de trabalho e charme maldoso. “A conduta interpessoal gira em torno de servir os próprios interesses, por isso qualquer dano colateral causado em outras pessoas é um bônus ou não tem importância” (CLARKE, 2011, p.10-11).

Para Clarke (2011) as principais características emocionais e individuais do psicopata corporativo são: natureza insensível, senso grandioso de valor próprio, falta de remorso ou culpa, presunção, mentiras patológicas, emoções superficiais, promiscuidade sexual e uma natureza impulsiva. “Essas características individuais e emocionais são a base para os comportamentos empresariais/gerenciais e interpessoais.” (CLARKE, 2011, p.11) O Quadro 08 organiza as características do psicopata corporativo na visão de Clarke (2011):

Quadro 08 – Características do Psicopata Corporativo

Comportamento Empresarial/Gerencial	**Comportamento Interpessoal**	**Características Emocionais/Individuais**
Manipulativo (no âmbito empresarial);	Manipulativo (no âmbito interpessoal);	Insensibilidade;
Intolerante/facilmente entediado;	Enganador/maldoso/falso;	Falta de consciência;
Conduta antiética;	Não assume responsabilidade pelas próprias ações;	Grandiosidade/presunção;
Emoções imprevisíveis/superficiais;	Intimidador;	Egocêntrico/narcisista;
Comportamento parasita;	Charmoso/superficial.	Emoções superficias;
Não se pode contar com ele;		Mentiras patológicas;
Bullying (não necessariamente confinado ao trabalho)		Problemas conjugais;
Busca aumento de poder e controle na companhia;		Promiscuidade sexual;
Cria conflitos entre os membros da organização.		Impulsividade.

Fonte: Clarke (2011, p.12).

Nem todos os psicopatas corporativos apresentam todas essas características. “O que é importante é o padrão de comportamento do psicopata.” (CLARKE, 2011, p.04) Examinando-se as características do psicopata corporativo presentes no quadro 08, nota-se uma significativa semelhança com a Escala Hare PCL-R, já que a referida ferramenta é utilizada para a identificação de quaisquer tipos de psicopatas ao redor do mundo, inclusive os corporativos. O comportamento manipulativo

empresarial e interpessoal, atitudes antiéticas, intolerância e o tédio, comportamento imprevisível e as emoções superficiais, comportamento parasita, ausência de confiabilidade e a irresponsabilidade, bullying executado no ambiente de trabalho, busca incessante pelo poder e controle na companhia, criação de conflitos entre os membros da organização, mentira contumaz, charme e a presença de emoções superficiais, ou seja, atributos descritos por Clarke (2011) são provenientes do traço mais marcante no perfil do psicopata corporativo: a ausência de consciência, isto é, o psicopata não consegue estabelecer uma relação entre a razão e a emoção, pois o seu aspecto emocional é inexistente e apenas o âmbito racional é utilizado, e exclusivamente a seu benefício próprio, conforme outrora elucidado.

Segundo Clarke (2011), o psicopata corporativo busca alvejar vários perfis distintos de vítima. "Esses tipos de vítima variam conforme a utilidade que podem ter para o psicopata corporativo, bem como o nível de poder e influência que as vítimas têm dentro da empresa." (CLARKE, 2011, p.06) A aquisição contínua de conhecimento a respeito dos mecanismos utilizados pelo

psicopata corporativo, de acordo com o escritor, minimiza sensivelmente a possibilidade de uma pessoa ser manipulada por ele.

"A estratégia mais eficaz que pode ser empregada ao se lidar com o psicopata corporativo é ter um conhecimento detalhado de como eles operam." (CLARKE, 2011, p.07) Segundo o pesquisador, a partir do momento que o modus operandi é compreendido, torna-se mais fácil prever e, inclusive, controlar o comportamento do psicopata corporativo.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada através de consulta a livros, sites e artigos científicos selecionados através de busca no banco de dados SciELO e Google Acadêmico a partir dos descritores: psicopata; psicopatia; psicopata corporativo; organização. A investigação se deu entre dezembro de 2017 e março de 2018. O referido mecanismo é definido e caracterizado, como "uma parte de um projeto de pesquisa, que revela explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico (SANTOS; CANDELORO, 2006, p. 43)".

Já os dados foram analisados por meio de abordagens descritiva e qualitativa, em torno das informações teóricas disponíveis sobre o tema psicopata corporativo. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva descreve as características de populações ou fenômenos e usa técnicas padronizadas de coleta de dados, como observação sistemática e questionários. E a pesquisa qualitativa é definida como um tipo de investigação voltada para os aspectos qualitativos de uma determinada questão. Considera a parte subjetiva do problema.

A primeira etapa da revisão consistiu na exploração do tema com levantamento bibliográfico e a leitura dos materiais selecionados, elaboração de fichamentos, bem como a análise e resumo analítico

das obras escolhidas. Desta forma, realizou-se um estudo exploratório sobre os conceitos e as características da Psicopatia, Psicopata e Psicopata Corporativo.

A segunda etapa correspondeu à leitura, compreensão, análise, interpretação e resumo do material identificado sobre o objeto de estudo, visando redigir o trabalho a partir da compreensão analítica, resultante da leitura dos escritos relacionados aos objetivos do artigo. Nesta etapa foram redigidas as partes constitutivas da revisão de literatura, na qual constam os elementos que fundamentam o estudo proposto.

Na terceira etapa se fez a ordenação da escrita e formatação do trabalho. O Quadro 21 potencializa a organização do estudo, pois especifica os principais autores referenciados ao longo do texto e as perspectivas de cada obra:

Quadro 21 – Sobre o Psicopata Corporativo: Principais Autores e Enfoques

Autores	**Obras**	**Enfoques**
Cleckley (1988) *apud* Henriques (2009, p.288-292); Cleckley (1955) *apud* Hidalgo eSerafim (2016, p.19).	De H. Cleckley ao DSM IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência; Psicopatia: o que as pessoas sabem de fatosobre este conceito.	Definição e características do psicopata.
Hare (2003); Hare (2010) *apud* Menezes (2010, p.04).	*Sin Conciencia – El inquietante mundo de los psicópatas que nos rodean;* Nem todo psicopata é criminoso.	Definição e características do psicopata.
Babiak e Hare (2006)	*Snakes in Suits – When psychopaths go to work*.	A presença dos psicopatas no trabalho.
Silva (2008)	Mentes Perigosas – O psicopata mora ao lado.	Definição e características do psicopata.
Clarke (2011)	Trabalhando com Monstros – Como identificar psicopatas no seu trabalho e como se proteger deles.	A presença dos psicopatas no trabalho.
Sina (2017)	Psicopata Corporativo – Identifique-o e lide com ele.	A presença dos psicopatas no trabalho.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Dessa forma, o material de pesquisa concentrou-se, especialmente, em cinco livros publicados em nível nacional e internacional (uma obra no idioma inglês e um livro na língua espanhola), além de inúmeros artigos científicos e algumas reportagens, cujo tema principal é o psicopata corporativo. Diante dos dados encontrados, elaboraram-se quadros com informações distintas sobre o conteúdo discutido. Após a criação desses quadros na seção 2, realizou-se a análise e apresentação dos resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

A psicopatia é um transtorno de personalidade complexo e multifacetado, caracterizado por uma combinação de traços de personalidade e comportamentos disfuncionais. Hare (2003) destaca a notável falta de consciência como a característica central da psicopatia, manifestando-se através de manipulação, mentira e busca por gratificação pessoal às custas dos outros. Silva (2008) complementa essa definição, enfatizando a frieza emocional, o egocentrismo e a falta de empatia como elementos-chave do perfil psicopático.

Cleckley (1988) oferece uma perspectiva ligeiramente diferente, descrevendo a psicopatia como uma forma de doença mental caracterizada por uma "demência semântica", ou seja, uma incapacidade profunda de compreender as emoções humanas em um nível mais profundo. Ele destaca a habilidade do psicopata em usar uma "máscara de sanidade" para esconder suas características negativas e manipular os outros.

Enquanto alguns autores, como Cleckley (1988) e Silva (2008), consideram a psicopatia e o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) como conceitos semelhantes ou sobrepostos, Hare (2003) argumenta que a psicopatia não deve ser equiparada ao TPA. Ele enfatiza que, embora muitos psicopatas possam exibir comportamentos antissociais, nem todos os indivíduos com TPA são psicopatas. A psicopatia, para Hare, é definida por um conjunto mais amplo de traços de personalidade e comportamentos disfuncionais, incluindo manipulação, falta de remorso e superficialidade emocional.

A natureza da psicopatia e sua relação com o ambiente são temas de debate entre os pesquisadores. Enquanto Silva (2008) e Hare (2003) concordam que a formação do perfil psicopata envolve uma combinação de fatores genéticos, biológicos e sociais, Sina (2017) sugere que a psicopatia tem uma origem predominantemente inata, com menor influência do ambiente.

Outro ponto de divergência reside na classificação da psicopatia como uma doença. Enquanto Cleckley (1988) e Sina (2017) a consideram uma patologia, Hare (2003), Silva (2008) e Clarke (2011) argumentam que a psicopatia é um desvio de conduta social, não uma doença mental no sentido tradicional.

No contexto corporativo, a psicopatia assume uma forma específica, conhecida como psicopatia corporativa. Babiak e Hare (2006) descrevem os psicopatas corporativos como indivíduos que usam suas habilidades de manipulação e charme para alcançar poder e sucesso profissional, muitas vezes às custas de seus colegas e da própria organização.

Clarke (2011) expande essa definição, destacando a busca por poder e controle, a falta de consideração pelos outros e a criação de conflitos como características-chave do psicopata corporativo. Ele argumenta que esses indivíduos prosperam em ambientes de caos e confusão, onde podem manipular situações para seu próprio benefício.

Sina (2017) oferece uma perspectiva semelhante, enfatizando o charme superficial, a manipulação e a falta de remorso como características distintivas do psicopata corporativo. Ela adverte que esses indivíduos podem ser difíceis de identificar, pois muitas vezes se escondem atrás de uma fachada de competência e sucesso.

O impacto da psicopatia corporativa nas organizações e nos indivíduos é significativo. Babiak e Hare (2006) destacam os danos emocionais e físicos que os psicopatas corporativos podem causar a seus colegas, bem como os crimes econômicos que podem cometer contra a empresa.

Clarke (2011) e Sina (2017) também enfatizam os efeitos destrutivos da psicopatia corporativa, incluindo o assédio moral, a sabotagem e a criação de um ambiente de trabalho tóxico.

Um ponto de consenso entre os autores é a dificuldade de tratar a psicopatia, seja no contexto corporativo ou em outros ambientes. Silva (2008), Clarke (2011) e Sina (2017) concordam que a psicopatia é resistente à maioria das formas de terapia e que, em alguns casos, a intervenção terapêutica pode até piorar o problema, equipando o psicopata com novas ferramentas de manipulação.

Hare (2010) apud Menezes (2010, p.04) sugere que a única abordagem viável para lidar com psicopatas é tentar modificar seu comportamento através de um apelo ao seu egoísmo, incentivando-os a agir de forma menos prejudicial para evitar consequências negativas para si mesmos. No entanto, ele reconhece que essa abordagem tem seus limites e que a mudança de comportamento em psicopatas é extremamente difícil.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa bibliográfica sobre o tema psicopata corporativo revelou uma rica diversidade de perspectivas e abordagens. A complexidade da psicopatia, tanto em suas manifestações clínicas quanto em suas implicações no ambiente de trabalho, exige uma análise cuidadosa e multifacetada.

Um dos pontos fortes da pesquisa reside na exploração abrangente das características do psicopata corporativo, abrangendo desde os traços de personalidade, como a falta de empatia e o egocentrismo, até os comportamentos disfuncionais, como a manipulação e a mentira patológica. Essa compreensão aprofundada do perfil do psicopata corporativo fornece um guia valioso para identificar e lidar com esses indivíduos no ambiente de trabalho.

Outro ponto forte é a discussão sobre a origem da psicopatia, que considera a interação complexa entre fatores genéticos, biológicos e sociais. Essa abordagem holística reconhece a natureza multifatorial da psicopatia e evita simplificações reducionistas.

No entanto, a pesquisa também apresenta algumas limitações. A divergência de opiniões entre os autores sobre a classificação da psicopatia como uma doença mental e a falta de consenso sobre a eficácia do tratamento levantam questões importantes que merecem investigação mais aprofundada.

Além disso, a pesquisa se concentra principalmente em autores e estudos internacionais, com pouca ênfase na produção científica brasileira sobre o tema. Uma maior exploração da literatura nacional poderia enriquecer a discussão e fornecer insights específicos sobre a psicopatia corporativa no contexto brasileiro.

Para estudos futuros, recomenda-se:

- Investigação empírica: Realizar estudos empíricos para validar as teorias e conceitos apresentados na literatura, utilizando métodos como entrevistas, questionários e observação direta em ambientes corporativos;
- Foco no contexto brasileiro: Explorar a produção científica nacional sobre a psicopatia corporativa, identificando as particularidades do fenômeno no Brasil e as possíveis diferenças em relação a outros países;
- Abordagem multidisciplinar: Promover a colaboração entre pesquisadores de diferentes áreas, como psicologia, psiquiatria, neurociência e direito, para aprofundar a compreensão da psicopatia e desenvolver intervenções mais eficazes;
- Desenvolvimento de ferramentas de diagnóstico: Criar ferramentas de diagnóstico mais precisas e culturalmente adaptadas para identificar psicopatas corporativos no contexto brasileiro, auxiliando na prevenção e no manejo de seus comportamentos disfuncionais.

Em suma, a presente pesquisa bibliográfica oferece uma base sólida para o estudo da psicopatia corporativa, mas também revela a necessidade de mais pesquisas para aprofundar a compreensão desse fenômeno complexo e multifacetado. Ao abordar as limitações da pesquisa atual e propor direções para estudos futuros, este trabalho contribui para o avanço do conhecimento sobre a psicopatia corporativa e suas implicações no ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

BABIAK, P., & HARE, R. D. Snakes in suits - When Psychopaths go to work. New York, Estados Unidos da América: HarperCollins e-books. (2006). Disponível em: <http://www.psychologieprace.cz/SharedFiles/Download.aspx?pageid=5&mid=16&fileid=44> Acesso: 03/03/2018.

BÍBLIA. Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Versão Almeida - Revista e Corrigida. 1995. p.1572.

BINS, H. D., & TABORDA, J. G. Psicopatia: influências ambientais, interações biossociais e questões éticas. Revista Debates em Psiquiatria, Ano 6, nº 1 - Jan/Fev 2016 , 8-16. (2016). Disponível em: <http://www.abp.org.br/rdp16/01/RDP_1_201601.pdf> Acesso: 25/01/2018.

CAMPELO, R. E., & SOUSA, E. G. "Ele pode estar na mesa ao lado": análise da produção científica sobre psicopatas corporativos. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (IV CBEO). (19 a 21 de 10 de 2016).Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/118/110> Acesso: 19/01/2018, Brasil.

CLARKE, D. J. Trabalhando com Monstros - Como identificar psicopatas no seu trabalho e como se proteger deles. São Paulo: Fundamento. (2011).

CLECKLEY, H. M. The Mask of Sanity. In H. M. Cleckley, he Mask of Sanity: An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality (p. 403). Augusta, Georgia, Estados Unidos da América: Copyright 1988 Emily S. Cleckley. (1988) .ISBN 0-9621519-0-4 Disponível em: <http://www.cix.co.uk/~klockstone/sanity_1.pdf> Acesso em: 23/03/2018.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO - Disponível em: < https://dicionariodoaurelio.com/> Acesso: 23/02/2018.

ELY, L. M., FISCHER, L. A., GARRO, D. F., LINCK, I. M., & NEUBAUER, V. S. Psicopatas na sociedade: entre a razão e a emoção, um perigo eminente. XVI Seminário Internacional de Educação no Mercosul. (25 a 27 de 08 de 2014). Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Psicopatas+na+sociedade%3A+entre+a+raz%C3%A3o+e+a+emo%C3%A7%C3%A3o%2C+um+perigo+eminente&btnG=> Acesso: 25/01/2018.GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4º. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOETTEN, C. Confira 10 sinais característicos de um psicopata. Acesso em 16 de 03 de 2018, disponível em Hypescience: https://hypescience.com/voce-e-um-psicopata-confira-dez-sinais- desse-transtorno-de-personalidade/ (04 de 09 de 2017).

GONÇALVES, A. C., PEREIRA, T. A., & MARQUES, F. G. A responsabilidade penal do psicopata à luz do ordenamento jurídico penal brasileiro - Imputabilidade x semi-imputabilidade. (1996). Acesso em 13 de 03 de 2018, disponível em JUS.com.br: https://jus.com.br/artigos/59573/a- responsabilidade-penal-do-psicopata-a-luz-do- ordenamento-juridico-penal-brasileiro/4.

GOOGLE ACADÊMICO - Disponível em: <https://scholar.google.com.br/> Acesso: 19/01/2018.

HARE, R. D. Sin conciencia - El inquietante mundo de los psicópatas que nos rodean. Tradução: Rafael Santandreu. (2003). ISBN: 8449313619. Barcelona: Paidós. Disponível em: <http://puntocritico.com/ausajpuntocritico/documentos/Sin%20Conciencia%20(Psicologia%20 del%20Psicopata)-Robert%20D%20Hare.pdf> Acesso: 09/03/2018.

HENRIQUES, R. P. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 12, n. 2, jun 2009 ,
p. 285-302 (2009).Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v12n2/v12n2a04.pdf> Acesso: 11/03/2019.

HIDALGO, N. d., & SERAFIM, A. d. Psicopatia: o que as pessoas sabem de fato sobre este conceito. Mudanças – Psicologia da Saúde, 24 (2), Jul.-Dez. 2016. Instituto Metodista de Ensino Superior CGC 44.351.146/0001-57 , 11-20. (2016).Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/311989892_Psicopatia_O_que_as_Pessoas_Sabe m_de_Fato_Sobre_este_Conceito> Acesso: 23/03/2018.

HORTA, M. Psicopatas S.A. - Superinteressante. Publicado em 26 de maio de 2011, 22h00min. Disponível em: < https://super.abril.com.br/comportamento/psicopatas-s-a/> Acesso: 03/03/2018.

MAUER, E. L. Introdução à Loucura. (06 de 04 de 2016). Acesso em 16 de 03 de 2018, disponível em UNIICA - Unidade Intermediária de Crise e a Apoio à Vida: http://uniica.com.br/artigo/introducao-a-loucura/.
MEDEIROS, C. R., JÚNIOR, V. M., & POSSAS, M. d. "Quem mais veste Prada?" Psicopatas Corporativos e Assédio Moral no Trabalho. Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial da Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro (MADE/UNESA). ISSN: 2237-5139, v.19, n.1. , 102-122. (2015). Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/admmade/article/view/961/646> Acesso em: 19/01/2018.

MICHAELIS ONLINE - Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/> Acesso: 23/02/2018.

MORANA, H. C., STONE, M. H., & FILHO, E. A. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. Rev Bras Psiquiatr. 28(Supl II) , 74-79 (2006). Disponível em: <h t t p : / / w w w . s c i e l o . b r / p d f / r b p / v 2 8 s 2 / 0 4 . p d f > Acesso: 21/03/2018.

NARLOCH, L., & VERSIGNASSI, A. Seu amigo psicopata. (19 de 06 de 2017). Acesso em 17 de 03 de 2018, disponível em SUPER INTERESSANTE: https://super.abril.com.br/comportamento/seu-amigo-psicopata/.

NASCIMENTO, L. F. Empresa psicopata versus empresa cidadã. Revista de Gestão Social e Ambiental (RGSA) (2007). Jan.-Abr. 2007, v.1, nº.1 , 19-29. Disponível em: <https://rgsa.emnuvens.com.br/rgsa/article/view/13/3> Acesso: 20/01/2018.

OLIVEIRA, A. C. ANÁLISE DA FIGURA DO PSICOPATA SOB O PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO- MORAL E JURÍDICO-PENAL. (2011). Rio de Janeiro: PUC Rio. Disponível em: <http://www.pucrio.br/pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CSS/DIR/DIR_Alexandra%20Carvalho%20Lopes%20de%20Oliveira.pdf> Acesso: 23/03/2018.

ORIGEM DA PALAVRA - Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/> Acesso: 23/02/2018.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: AGE, 2006.

SCIELO - SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE - Disponível em: <http://www.scielo.org/php/index.php> Acesso: 19/01/2018.

SILVA, A. B. Mentes perigosas - O psicopata mora ao lado. Rio de Janeiro: Fontanar. (2008). Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-mentes-perigosas-o-psicopata-mora-ao- lado-ana-beatriz-barbosa-silva-em-epub-mobi-e-pdf/> Acesso: 03/03/2018.

SILVA, A. M., & KROM, V. O psicopata na direção da corporação causador de dano ao meio ambiente e a intervenção do direito. XIII Encontro Latino-Americano de Iniciação Cientifica, o IX Encontro de Pós-Graduação e o III Encontro de Iniciação Cientifica Júnior. (15 e 16 de 10 de 2009). São José dos Campos, São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/RE_0505_0132_01.pdf> Acesso: 19/01/2018.

SINA, A. Psicopata corporativo - Identifique-o e lide com ele. São Paulo: Évora. (2017).

SOALHEIRO, B. (31 de 10 de 2016). Louco, eu? Acesso em 16 de 03 de 2018, disponível em Super Interessante: https://super.abril.com.br/saude/louco-eu/.

STAUT, B. Sobre Psicopatas: trata-se de maldade ou doença? (2011). Acesso em 17 de 03 de 2018, disponível em Hypescience: https://hypescience.com/psicopatas-maldade-ou-doenca/.

TOBLER, G. C. PSICOPATIA: UMA GRAVE DOENÇA OU APENAS O DESEJO CONSCIENTE DE PROVOCAR O MAL? (2017). Acesso em 12 de 03 de 2018, disponível em empório do direito.com.br: http://emporiododireito.com.br/leitura/psicopatia-uma-grave-doenca-ou- apenas-o-desejo-consciente-de-provocar-o-mal.

TRINDADE, J. O psicopata é como o gato. (12 de 05 de 2015). Acesso em 17 de 03 de 2018, disponível em Justificando.cartacapital.com.br: http://justificando.cartacapital.com.br/2015/05/12/o-psicopata-e-como-o-gato/.

TURRIONI, J. B., & SILVA, P. G. Psicopatas corporativos: Eles existem e deterioram o clima organizacional. Research, Society and Development, v.1, n.1 , 20-42. (jan-jul, 2016). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6070052> Acesso: 19/01/2018.

VASCONCELLOS, S. J., SALVADOR-SILVA, R., VARGAS, F. d., HOFFMEISTER, F. X., PRATES, P. F., & SILVA, R. M. A cognição social dos psicopatas: achados científicos recentes. Estudos de Psicologia (Campinas), vol.34, nº.1 - Jan/Mar. , 151-159. (2017). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2017000100151&lng=pt&tlng=pt Acesso: 14/02/2018.